

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JACKELINE GUIMARÃES HIPÓLITO

**MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO RECURSO DIDÁTICO INTERDISCIPLINAR
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ESCOLAS DO CAMPO**

Parintins - AM

2021

JACKELINE GUIMARÃES HIPÓLITO

**MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO RECURSO DIDÁTICO INTERDISCIPLINAR
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ESCOLAS DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Parintins - AM

2021

JACKELINE GUIMARÃES HIPÓLITO

**MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO RECURSO DIDÁTICO INTERDISCIPLINAR
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM ESCOLAS DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

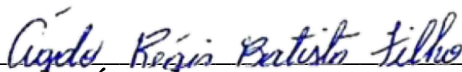
Aprovado em: 23/07/2021

BANCA EXAMINADORA



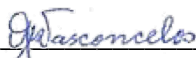
Profª Dra. Simone Souza Silva (Presidente)

Universidade do Estado do Amazonas



Prof. MSc. Ágdo Régis Batista Filho (Membro)

Universidade do Estado do Amazonas



Profª Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos (Membro)

Universidade do Estado do Amazonas

*Aos meus pais Claudiney e Joilson, meus irmãos
Katrine, Bryan e Kamila, que são meu alicerce, minha
fortaleza para não desistir e seguir em frente de cabeça
erguida!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram parte da minha jornada, especialmente:

A Deus, pelo dom da vida e por me permitir este momento solene.

A minha mãe Claudiney Guimarães, meu exemplo de mulher, que sempre me apoiou, me incentivou, sobretudo nos momentos mais difíceis e me ensinou a ser forte.

Ao meu pai Joilson Hipólito, meu exemplo de força de vontade e perseverança, por todo o apoio, suporte, incentivo e pelas palavras de carinho, e mesmo perante as dificuldades, me ensinou a ser persistente e a sempre seguir de cabeça erguida. Lhes sou eternamente grata, meus amados pais!

Aos meus irmãos Katrine, Bryan e Kamila, por toda ajuda e palavras de carinho, pelos bons momentos de descontração, principalmente quando estava triste. Vocês são meus amores!

Ao Ronaldo Torres, que sempre acreditou em mim, quando nem mesmo eu acreditava, e por vezes não me deixou desistir. Obrigada pelas palavras de conforto!

A professora Sandra Bréa, por me permitir adentrar em sua turma para a realização da pesquisa de campo e compartilhar experiências acerca da difícil e bela missão do ato de educar em uma turma agregada. E a todos que fazem parte da Escola Municipal Santa Terezinha do Aninga, sobretudo, as crianças, o meu carinho e meu muito obrigada!

A todos os professores que contribuíram com seus ensinamentos para meu amadurecimento acadêmico, em especial ao professor Renner Dutra (in memoriam), que me ensinou a amar Filosofia, dentre muitos outros ensinamentos.

De modo especial a minha orientadora Dra. Simone Souza, a quem tenho profunda admiração e gratidão por aceitar esse desafio de compartilhar seus ensinamentos e experiências e que teve papel fundamental para a realização deste trabalho. Obrigada por não me permitir desistir!

A escola é...

...o lugar que se faz amigos.

*Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.*

*O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.*

*E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos
os lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a
ninguém.
Nada de ser como um tijolo que forma a
parede,
Indiferente, frio, só.*

*Importante na escola não é só estudar, não
é só trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!*

*Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil
Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.*

(PAULO FREIRE)

*“A escola do campo se situa em um meio em
constante movimento, portanto deve ser
também ela, uma escola em movimento”.*

(CHRISTÓFFOLI, 2006, p. 99)

RESUMO

O presente trabalho intitulado “*Materiais recicláveis como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem em escolas do campo*” tem por principal inquietação investigar em que medida o uso de materiais recicláveis pode contribuir como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo do Município de Parintins. O estudo parte da compreensão de que é necessário o educador inovar no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo, nas escolas do campo e a utilização de recursos didáticos confeccionados com materiais recicláveis de forma interdisciplinar é uma das possibilidades. Para tanto, a pesquisa busca responder a seguinte indagação: Em que medida o uso de materiais recicláveis pode contribuir como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo do Município de Parintins? A pesquisa é de cunho qualitativo, com auxílio da pesquisa bibliográfica e fundamentou-se em Hage (2005), Arroyo (2010), Caldart [et al] (2012), Silva (2017), Leal (2014), Fazenda (2008), Coimbra (2000), Quirino (2011), Silva (2015), Souza (2007), Cinquetti (2011), Carvalho (2013), dentre outros. Como técnicas de pesquisa para a coleta de dados, foram utilizadas: conversa informal, diário de campo e roda de conversas. A pesquisa aconteceu em dois momentos: no primeiro momento, através do Projeto de Produtividade “*Saberes Tradicionais e Científicos como eixo articulador em escolas ribeirinhas: desafios e possibilidades para professores da educação do campo*”, onde professores das escolas de várzea relataram suas experiências em escolas do campo multisseriadas, agregadas e/ou nucleadas, e como utilizam os materiais recicláveis em suas atividades de sala de aula. No segundo momento, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal, localizada na Comunidade do Aninga, especificamente em uma turma agregada. Os sujeitos foram 7 (sete) professores das escolas do campo de área de várzea, 17 (dezesete) alunos com a faixa etária de 6 (seis) a 9 (nove) anos e 1 (uma) professora de uma escola agregada. Por meio do levantamento de dados e das oficinas constatou-se que os materiais recicláveis se constituem importantes aliados não só para a construção de recursos didáticos, mas também para a construção de conhecimentos interdisciplinares, sobretudo nas escolas do campo.

Palavras-chave: Materiais Recicláveis. Recursos Didáticos. Escolas do Campo. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The present work entitled *"The use of recyclable materials as an interdisciplinary didactic resource in the teaching and learning process in rural schools"* has as main concern to investigate to what extent the use of recyclable materials can contribute as an interdisciplinary didactic resource in the teaching and learning process of the students of the rural schools of the Municipality of Parintins. The study starts from the understanding that it is necessary for the educator to innovate in the teaching and learning process, especially in rural schools and use of teaching resources made with recyclable materials in an interdisciplinary way is a possibility. To this end, the research seeks to answer the following question: To what extent can the use of recyclable materials contribute as an interdisciplinary didactic resource in the teaching and learning process of the students of the rural schools of the Municipality of Parintins? The research is qualitative, with the help of bibliographic research and was based on Hage (2005), Arroyo (2010), Caldart [et al] (2012), Silva (2017), Leal (2014), Fazenda (2008), Coimbra (2000), Quirino (2011), Silva (2015), Souza (2007), Cinquetti (2011), Carvalho (2013), among others. The following were used as research techniques for data collection: informal conversation, field diary and conversation wheel. The research took place in two moments: in the first moment, through the Productivity Project *"Traditional and Scientific Knowledge as an articulating axis in riverside schools: challenges and possibilities for teachers of rural education"* where teachers from the floodplain schools reported their experiences in multi-school, aggregate and/or nucleated rural schools, and how they use recyclable materials in their classroom activities. In the second moment, the research was carried out in a municipal school, located in the Aninga Community, specifically in an aggregated class. The subjects were 7 (seven) teachers from floodplain schools, 17 (seventeen) students aged 6 (six) to 9 (nine) years and 1 (one) teacher. Through data collection and workshops it was found that recyclable materials are important allies not only for the construction of teaching resources, but also for the construction of interdisciplinary knowledge, especially in rural schools.

Keywords: Recyclable Materials. Rural Schools. Resources Didactics. Interdisciplinarity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Recurso Caixinha de Leitura.....	37
Figura 2 – Recurso Desafio das Sementes.....	38
Figura 3 – Jogo da Cobrinha Alfabética.....	39
Figura 4 – Jogo da Cobrinha Alfabética.....	39
Figura 5 – Jogo Dominó.....	42
Figura 6 – Jogo Dominó confeccionado a partir de tampinhas de garrafa PET.....	42
Figura 7 – Relógio do Tempo.....	43
Figura 8 – Demonstração enchente e seca.....	43
Figura 9 – Explicação com o auxílio de slide.....	47
Figura 10 – Aluno do 1º Ano participando da primeira dinâmica.....	48
Figura 11 – Aluno do 2º Ano participando da dinâmica destinada aos alunos do 3º Ano.....	48
Figura 12 – Início da segunda dinâmica de Ciências.....	48
Figura 13 – Alunos do 1º Ano (Equipe A) e 2º Ano (Equipe B) participando da dinâmica.....	49
Figura 14 – Alunos do 2º Ano (Equipe B) e 3º Ano (Equipe A) participando da dinâmica.....	49
Figura 15 – Livro que serviu de base para a construção do livro “Bajara dos Animais”.....	51
Figura 16 – Capa do livro “Bajara dos Animais” confeccionado para a oficina.....	51
Figura 17 – Capa do livro “Bajara dos Animais” (parte da frente).....	51
Figura 18 – Capa do livro “Bajara dos Animais” (parte de trás).....	51
Figura 19 – Aluna do 3º Ano produzindo a história para compor o livro.....	52
Figura 20 – Aluna do 1º Ano produzindo desenho para compor o livro.....	52
Figura 21 – Desenho e frase produzidos por uma aluna do 1º Ano.....	53
Figura 22 – Texto produzido por um aluno do 1º Ano.....	53
Figura 23 – Texto produzido por uma aluna do 2º Ano.....	53
Figura 24 – Páginas do livro “Bajara dos Animais” produzidos pelos alunos do 1º e 2º Ano.....	54
Figura 25 – Páginas do livro “Bajara dos Animais” produzidos pelos alunos do 3º Ano.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Turmas e números de alunos da Escola Municipal “Santa Terezinha do Aninga.....	16
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

3R's	Reduzir, Reutilizar e Reciclar
EA	Educação Ambiental
ENERA	Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária
GEPERUAZ	Grupo de Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNATE	Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar
PNE	Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	15
1.1 Tipos de Organização das Escolas na Educação do Campo.....	18
1.2 Os materiais recicláveis como prática ambiental.....	25
1.3 Interdisciplinaridade no contexto de escolas do campo.....	28
1.4 Materiais recicláveis como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem.....	31
2 METODOLOGIA.....	35
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	37
3.1 Os relatos das experiências e vivências dos professores das escolas do campo.....	37
3.2 Intervenção interdisciplinar através de recursos didáticos lúdicos em uma escola agregada.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

É notório que ao longo dos anos vêm-se buscando novas maneiras de levar o aluno a construir novos conhecimentos, pois entende-se que o ensino mecânico, tradicional já não tem sido suficiente para o processo de ensino e aprendizagem, considerando que novas questões acerca da sociedade vêm surgindo com a passar do tempo. E nós, enquanto educadores, precisamos acompanhar estas mudanças, buscar novas ferramentas que contribuam para a aprendizagem dos educandos. Com isso realizamos esta pesquisa, a qual parte da compreensão de que os materiais recicláveis como ferramentas que podem contribuir de forma significativa no contexto escolar enquanto recurso didático interdisciplinar.

Esta pesquisa tem como tema *Materiais recicláveis como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem em escolas do campo*. Teve como objetivo geral investigar em que medida o uso de materiais recicláveis pode contribuir como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo do Município de Parintins. E como objetivos específicos: Identificar o que os professores que atuam em escolas do campo no Município de Parintins dizem a respeito do uso de materiais recicláveis como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos; Verificar como os materiais recicláveis têm sido utilizados no processo de ensino e aprendizagem em escolas do campo no Município de Parintins; Analisar as possibilidades do uso de materiais recicláveis como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo no Município de Parintins.

No que se refere às questões norteadoras buscou responder as seguintes indagações: a) O que os professores que atuam em escolas do campo no Município de Parintins dizem a respeito do uso de materiais recicláveis como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos? b) Como os materiais recicláveis têm sido utilizados no processo de ensino e aprendizagem em escolas do campo no Município de Parintins? c) Quais as possibilidades do uso de materiais recicláveis como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo no Município de Parintins?

Para melhor compreensão da problemática investigada, a pesquisa teve como base os estudos desenvolvidos por Hage (2005), Arroyo (2010), Caldart [et al] (2012), Silva (2017), Leal (2014), Fazenda (2008), Coimbra (2000), Quirino (2011), Silva (2015), Souza (2007),

Cinquetti (2011), Carvalho (2013), dentre outros que discutem a temática da educação do campo entrelaçada à educação ambiental (EA) e interdisciplinaridade.

Para melhor organização didática, este estudo está dividido em dois capítulos: o primeiro capítulo traz o Referencial Teórico que sustenta o estudo e o segundo capítulo aborda a Apresentação e Discussão dos Resultados obtidos.

Por fim, o estudo constata que as possibilidades da utilização de materiais recicláveis são as mais diversas, no que diz respeito aos recursos didáticos e constituem importantes aliados não só para a construção de recursos didáticos, mas também para a construção de conhecimentos interdisciplinares.

1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Pensar em uma educação de qualidade é pensar em uma educação igualitária, onde todos os estudantes tenham a possibilidade de acesso a um ensino e aprendizagem que lhe sirva para toda a vida, que os tornem seres críticos e pensantes desde o contexto em que vivem. Conforme nos lembra Costa (2007, p. 113) “a educação é um denso e rigoroso processo de humanização, de preparação para a vida em sociedade, de formação para a alegria de viver, de ser, de sentir, de conviver”.

Ainda de acordo com Costa (2007), a escola tem como função inicial, contribuir no processo de humanização da pessoa. E nesse sentido, a escola tem um papel fundamental, principalmente nos anos iniciais da vida escolar do aluno, que é quando a criança ainda está construindo seus valores, sua personalidade, aprende o que é certo e errado, ou seja, a escola constitui um lugar que pode e deve contribuir de forma significativa para a formação humana. Mas, não podemos ignorar que é na família que esse processo educativo se inicia, afinal, a educação não começa apenas quando o sujeito adentra ao ambiente escolar, visto que se trata de um processo que acontece a princípio no âmbito familiar, desde os primeiros anos de vida da criança.

Haddad (2012), compreende a educação em seu sentido amplo, como uma ação humana geral, que vai além da educação escolar, podendo ocorrer em diferentes espaços, bem como na esfera familiar, na comunidade, no trabalho, com os amigos, nos mais diversos espaços.

A educação brasileira sempre foi marcada por altos e baixos, e nos últimos anos houve um aumento significativo no tocante à taxa de atendimento escolar. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que no ano de 2017 a taxa de escolarização de crianças de 0 a 5 anos teve um aumento significativo em relação a 2016. Neste mesmo ano, a faixa etária de 6 a 14 anos de alunos que estavam frequentando a escola era de 99,2%. Já em 2017, o número de crianças com idades de 0 a 6 anos saltou para 95,5%, enquanto que o número de pré-adolescentes e adolescentes caiu para 85,5%.

No que corresponde ao Ensino Médio, a situação é mais delicada, uma vez que, o Censo Educacional de 2017 indica que quase 2 milhões de adolescentes estão atrasados e 1,3 milhão estão fora da escola, haja vista que a idade ideal para cursar esta etapa é de 15 a 17 anos. A evasão e o atraso escolar se acentuam principalmente nesta etapa escolar. Em relação ao índice de analfabetismo, de acordo com dados do IBGE (2017):

A taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi de 7,0%, em 2017, e se manteve acima da meta intermediária do PNE, de 6,5% em 2015. As regiões Centro-Oeste (5,2%), Sudeste e Sul (ambas com 3,5%) já estavam abaixo da meta nacional, mas o Nordeste (14,5%) e o Norte (8,0) não IBGE (2017).

É perceptível que ao longo dos anos o acesso à educação alavancou de maneira positiva, os números animadores de estudantes das classes de baixa renda frequentando a escola, a diminuição da taxa de analfabetismo, nos fazem perceber o quão a educação brasileira avançou. Contudo, o número de crianças e adolescentes que permanecem fora da escola ainda é elevado, haja vista que a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) para a erradicação do analfabetismo até 2024 dificilmente será alcançada, já que o país não cumpriu a primeira parte da meta no ano de 2017 (IBGE, 2017).

Desta maneira, a educação fica ainda mais fragilizada, e para que os objetivos e as metas sejam alcançados, outros aspectos precisam ser considerados, já que não basta apenas criar instituições para integrar estudantes, mais do que isto, é necessário que haja boas condições para um ensino e aprendizagem de excelência, de modo que tanto professores como alunos sejam valorizados. É necessário, também, levar em consideração o contexto em que a instituição está inserida, haja vista que as escolas situadas no contexto rural, geralmente encontram-se em situações de abandono. Nesse sentido, Molina e Freitas (1981, p. 20), lembram que:

O Movimento da Educação do Campo põe em questão o abandono das escolas rurais pelo Estado. A partir de suas práticas e suas lutas, vai construindo, simultaneamente ao seu desenvolvimento, uma nova concepção de escola. O movimento desencadeado pelos sujeitos coletivos de direito do campo interroga a tradicional escola rural na sua forma de ensinar, de lidar com o conhecimento, de tratar as relações sociais que dentro dela ocorrem, de recusar vínculos com a comunidade que está ao seu redor.

Como podemos notar, a desigualdade ainda se faz presente, principalmente no que se refere à Educação do Campo, de modo que nem todos têm acesso à escola em decorrência de diversos fatores, desde os econômicos, familiares, sociais, entre outros. E os que têm acesso, em sua maioria, são em condições precárias, mesmo que as diretrizes preconizem que:

O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo (BRASIL, 1996).

No que concerne a esta prerrogativa da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que respalda e garante o direito a uma educação de qualidade, notadamente verificamos que a implementação desta prerrogativa ainda está distante de acontecer, ou melhor, acontece, mas para a elite, pois como argumenta Silva (2017), a atual política brasileira não tem como objetivo sanar estas precariedades da educação brasileira. Silva (2017) destaca que é evidente as situações de descaso nas instituições públicas brasileiras, tanto no que corresponde a estrutura, quanto no processo de ensino e aprendizagem. E enfatiza que os professores geralmente estão sujeitos à sobrecarga de trabalho e pressão. Assim, “[...] ao mesmo tempo em que é culpabilizado pelas mazelas da educação, passa a ser o grande responsável por eliminá-las (SILVA, 2017, p. 90).

Arroyo (2010) nos alerta que na zona urbana a educação demonstra fragilidades em diversos aspectos, mas, na zona rural a educação é praticamente esquecida pelas autoridades governamentais, sendo vista como uma educação inferior em comparação com a educação das escolas da cidade, é sempre deixada em segundo plano (ARROYO, 2010).

Oliveira e Campos (2012), destacam que a Educação do Campo vem sendo transformada por movimentos que tiveram início em 1980, inclusive, os autores defendem a importância dos movimentos sociais na luta por uma educação igualitária.

Um olhar com mais atenção para a educação do campo aconteceu em 1997, após o I Encontro Nacional dos Educadores da Reforma Agrária (ENERA), realizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (CALDART, 2012).

No entanto, os problemas continuam e reverter a situação de exclusão e desigualdade que acontece há décadas nas escolas, sobretudo, as inseridas no contexto do campo brasileiro, constitui uma das metas dos movimentos sociais que persistem até os dias de hoje, que reivindicam não somente por uma educação do campo de qualidade, mas também pela reforma agrária e pela terra.

Contraditoriamente às lutas que vem sendo travadas ao longo dos anos, da conquista das escolas do campo, vê-se uma educação marginalizada, vista como “[...] não escola, não educandário; os educadores como não docentes, como não educadores, não docentes; a organização curricular não seriada, multisseriada, como inexistente” (ARROYO, 2010, p. 10 - 11). Ou seja, a educação do campo continua sendo tratada como educação secundária, atrasada, ultrapassada, cuja imagem geralmente é retratada de forma romantizada e os fatos distorcidos da realidade, ocultando e mascarando a complexa realidade daquele contexto (SILVA, 2017).

Segundo Arroyo (2006, p. 106), o contexto escolar “[...] é uma instituição com estruturas, culturas e valores consolidados”, cada qual com sua cultura, seus costumes, suas subjetividades, que geralmente não são levados em conta. Quanto ao professor, este se vê

obrigado a “seguir o plano” que as secretarias impõem e, que muitas vezes o deixa desmotivado e intimidado.

Não é fácil ir contra um sistema que vê a educação de forma homogênea e ruralista, contrária à compreensão do que seja Educação do Campo, cuja compreensão assumida pelos movimentos sociais “[...] como um lugar, ou um modo específico, de formação de sujeitos sociais coletivos que pode ser compreendida como um processo intensivo e historicamente determinado de formação humana” (CALDART, 2012, p. 548).

E neste propósito, emergem estudos e pesquisas no sentido de desconstruir esta visão equivocada que se tem da Educação do Campo, exaltando a sua importância social e cultural, valorizando a diversidade que esta propõe, haja vista que nosso país é rico em diversidades culturais, que precisam ser levadas em considerações, principalmente no âmbito escolar.

E como argumenta Candau (2008), é impossível desvincular educação e cultura(s), visto ambas estão intrinsecamente ligadas, de modo que a educação parte do pressuposto dos processos culturais no ambiente em que se situa, ou seja, é preciso respeitar e valorizar os conhecimentos que os educandos já trazem consigo, de modo que os conteúdos a serem ensinados estejam articulados contextualizados com a realidade da criança.

E quando esses fatores singulares não são levados em conta, quem mais sofre as consequências são os educandos, cuja materialidade se vislumbra nos déficits de aprendizagem e defasagem que nas escolas do campo é exorbitante. Além do mais, a Educação do Campo, em uma perspectiva mercadológica/neoliberal, é vista como um *atraso* para a educação brasileira, pelo fato de ter se distanciado das metas.

Podemos perceber que a educação do campo avançou bastante, com o crescente número de instituições escolares, o aumento dos estudantes, além das conquistas de direitos ao longo de sua trajetória. Contudo, é notável que ainda está longe de ser uma educação de fato DO campo, PARA o campo, pois há muito o que melhorar, desde a estrutura até a área administrativa da escola. É necessário suporte para que educadores e educandos sintam-se valorizados e respeitados, e condições para que o processo de ensino e aprendizagem possibilite bons resultados tanto para os professores, quanto para os alunos.

1.1 Tipos de Organização das Escolas da Educação do Campo

A existência de instituições escolares no contexto do campo brasileiro é de grande relevância para as pessoas que vivem naquele ambiente, que também têm direito ao acesso à educação, sem necessariamente sair do campo para estudar na cidade.

Caldart (2009), salienta que os sujeitos do campo têm direito à escola e a ser respeitado quando nela adentra. Esta perspectiva considera a necessidade de se levar em consideração as singularidades do contexto e subjetividade dos educandos, para que estes se reconheçam como protagonistas da própria história.

Em relação aos tipos de organização escolar, as escolas do campo se divergem das escolas urbanas por inúmeras razões, como a diversidade de contextos em que estão inseridas, o número reduzido de alunos, como é o caso das *Escolas Multisseriadas*. Inclusive, Silva (2017) argumenta que além das *escolas multisseriadas*, é possível encontrar as *escolas agregadas* e *escolas nucleadas*, e cada organização escolar possui características próprias.

No que se refere às *escolas multisseriadas*, são escolas pequenas, também denominadas unidocentes haja vista que um único professor atende, na mesma sala e ao mesmo tempo, todas as séries juntas de 1º ao 5º Ano, geralmente turmas de 10, 12 ou 15 alunos, em locais de difícil acesso e de baixa densidade populacional (SILVA, 2017). É importante ressaltar que nas escolas multisseriadas também há subdivisões, pois além das escolas que atendem estudantes de 1º ao 5º Ano, há também escolas multisseriadas que atendem em uma mesma turma alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano).

Em seu sentido etimológico, significa Multi = vários; seriado = séries significam segundo Arroyo (1999) são organizações escolares que mais se fazem presentes em escolas do campo, principalmente em comunidades mais distantes dos municípios.

Ao longo de sua trajetória, a escola multisseriada foi alvo de críticas devido a precariedade que geralmente se encontra, principalmente com relação à multissérie, de modo que até mesmo os próprios professores julgam ser a principal causa da baixa aprendizagem dos alunos. Santos e Moura (2010), nos revelam que um dos principais motivos apontados pelos docentes é o fato de terem alunos em diferentes séries, porque este interfere negativamente no processo de aprendizagem dos educandos, porque enquanto uns aprendem, outros ficam pelo caminho. Há, ainda, outros fatores vistos de forma negativa quanto à estrutura onde muitas instituições escolares constituem-se um único espaço físico não possuindo área para cozinha, merenda, lazer, biblioteca, banheiro, o básico que uma escola adequada tem que ter para que alunos, professores e os demais funcionários que compõem o corpo escolar possam realizar suas funções com o mínimo de conforto e segurança (BARROS *et al*, 2010).

O ambiente em que estão inseridas é um dos principais motivos pelos quais as escolas multisseriadas são marginalizadas, normalmente vistas como inferiores em comparação com as escolas da cidade e por vezes esquecidas, largadas à própria sorte pelo poder público. “A escola

do campo traz as marcas fundamentalmente dos sujeitos marcados pelas diferenças convertidas em desigualdades” (ARROYO, 2006, p. 104).

Os educadores são os que mais demonstram insatisfação em relação a este tipo de organização escolar. Hage (2005) em sua obra *Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará*, traz relatos de alguns professores que atuam nestes espaços escolares, de modo que fica nítido o quão descontentes os professores ficam, devido a triste realidade em que se encontram, perante os desafios que enfrentam. São tantos os problemas que afligem as escolas multisseriadas, que muitos professores que não se sentem preparados para lecionar em escolas multisseriadas, acabam desistindo. Esta situação faz com que muitos alunos fiquem dias, semanas ou meses sem ir para a escola até encontrarem outro professor (HAGE, 2005).

Há, ainda a dificuldade do educador em se adaptar e criar planos para o modelo multisseriado. Segundo as literaturas, é comum professores das escolas onde a multissérie se faz presente, dividir a turma por série, dividindo o quadro, elaborando um plano de aula para cada série, dificultando assim a realização da interdisciplinaridade, pois a divisão fica evidente nestes contextos.

Segundo Moraes [et al] (2010), no entendimento de muitos sujeitos envolvidos com a Educação do Campo, a solução para as barreiras enfrentadas pelas escolas do campo, sobretudo àquelas relacionadas à sobrecarga do educador e à aprendizagem dos estudantes, passa por transformar as escolas agregadas, nucleadas e multisseriadas em escolas seriadas, conforme o modelo das escolas urbanas.

Moraes [et al] (2010), considera essa situação como um paradigma que precisa ser transgredido, no qual denomina de (multis)serie. E, transgredir esse paradigma não é fácil, pois esbarra em muitas barreiras impostas nas escolas do campo, especialmente em escolas agregadas, onde além de haver a sobrecarga ao professor, em alguns casos ocorre a junção de Educação Infantil e Ensino Fundamental, como em algumas escolas do município de Parintins: São Marcos/Lago da Esperança, Senador José Esteves/Mocambo do Arari, Nossa Senhora de Fátima/Açaí, São Sebastião/Quebra, São Raimundo/Quebrinha, Alberto Kimura/Saracura, Prof. José Saúde/Ilha das Guaribas, São José/Vila Bentes (SILVA, 2017).

Embora toda a problemática que ronda as escolas multisseriadas, esta se faz necessária, uma vez que sem a existência destes espaços escolares as crianças que vivem em comunidades mais afastas, teriam que se deslocar para a cidade ou para a escola nucleada. Hage (2005), aponta que as escolas multisseriadas proporcionam a aprendizagem compartilhada, de modo que o mais novo aprende com o mais velho e quem está mais adiantado pode ajudar quem tem

dificuldade, além do apoio mútuo que a multisseriada propicia, devido a convivência entre alunos diferentes séries.

Moraes *[et al]* (2010), a partir de pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia (GEPERUAZ), entendem que a heterogeneidade presente nas escolas multisseriadas poderia ser melhor aproveitada, sobretudo para propor aprendizagens significativas para os educandos daquele contexto, o que requer mais estudos e investigações acerca do trabalho pedagógico, sobre o planejamento e a construção do currículo e de organização do trabalho docente que estejam vinculados a vida das populações camponesas.

Com relação aos espaços escolares que se encontram na Amazônia, existe uma peculiaridade em comparação às escolas do campo de outras regiões, pois escolas localizadas em área de várzea geralmente são marcadas pelo cotidiano do fluxo do rio.

É uma região que apresenta um alto índice pluviométrico, um clima quente e úmido, uma floresta composta de uma vegetação densa e o “fenômeno da cheia”, como é conhecido em toda região, o período do ano em que as águas dos rios se elevam, provocando enchentes e inundações em alguns estados e municípios que fazem parte do complexo amazônico (VASCONCELOS, 2017, p. 55-56).

Sabendo que a riqueza histórica do rio para as escolas do campo da Amazônia está fortemente ligada a um contexto social e cultural, essas escolas nascem e se desenvolvem no território Amazônico e exercem importância enorme no contexto social e cultural, levando em consideração a riqueza das margens do rio Amazonas. Inclusive, o calendário escolar, que é específico para estas escolas, o qual precisa atender as especificidades de cada região, sobretudo, as escolas que se encontram nas margens dos rios (VASCONCELOS, 2017).

Como salientam Moura e Santos (2012) a relevância das escolas multisseriadas se convertem tanto social quanto politicamente, pois se não fossem elas os altos índices de analfabetismo que ainda se fazem presente no contexto brasileiro seriam mais alarmantes.

Com isso, entendemos que apesar de todas as críticas e pontos negativos quase sempre demasiadamente evidenciados, as escolas multisseriadas precisam ser valorizadas, não só a escola como o meio em que ela está inserida, considerando que é necessário valorizar a cultura e os saberes que os sujeitos do campo que vivem no campo possuem, uma vez que há pontos positivos, o que se precisa é um olhar mais humano, mais preocupante, que compreenda a importância da existência dessas instituições, que necessitam de melhores condições, tanto para os educandos, quanto para os professores e demais pessoas que fazem parte do corpo escolar.

No tocante às *escolas agregadas*, são escolas pequenas, que funcionam em dois turnos, com duas ou três séries concomitantemente, por exemplo, 1º, 2º e 3º Ano e 4º e 5º Ano, há casos em que, assim como nas escolas multisseriadas, também pode ocorrer a junção de diferentes níveis de ensino, Educação Infantil e 1º Ano, por exemplo. De acordo com Silva (2017), as escolas agregadas foram criadas pela SEMED/PIN enquanto estratégia para atender a um número maior de discentes em comparação às escolas multisseriadas, de forma que estes não ficassem sem estudar.

É importante ressaltar que é um tipo de organização adotada nas escolas do campo, especificamente no Município de Parintins, cujos estudos são ainda incipientes, como o estudo de Silva (2017).

No Município de Parintins - AM, em algumas comunidades, é cada vez maior o número de alunos nas escolas do campo, por conta disso a organização em espaços escolares agregados torna-se de suma relevância para atender a uma demanda maior de estudantes.

Contudo, há casos em que Educação Infantil e Ensino Fundamental passam a funcionar na mesma sala de aula e assim, segundo Silva (2017), a turma se divide em: Educação Infantil, 1º e 2º ano, em um turno e 3º, 4º e 5º ano, em outro turno, conforme a demanda de estudantes. Tal fato infringe o parágrafo 2º do artigo terceiro da Resolução nº 2 de 28 de abril de 2008, a qual preconiza que crianças de Educação Infantil não devem ser agrupadas em uma mesma turma com crianças do Ensino Fundamental (SILVA, 2017).

Cabe ressaltar que o artigo 55 do Regimento Geral das Escolas do Município de Parintins de 29 de maio de 2009, também recomenda que: “Nas Escolas Municipais situadas na zona rural, que funcionam com turmas multisseriadas, não será permitido agrupamento de alunos de Educação Infantil com alunos do Ensino Fundamental”.

É notório que assim como as escolas multisseriadas, as escolas agregadas também carecem de atenção, principalmente quanto à estrutura, que, apesar de ser uma escola em que há uma quantidade maior de alunos em comparação às escolas multisseriadas, porém, não o suficiente para que as escolas agregadas ofereçam turmas seriadas, carecem de uma estrutura adequada, tendo em vista que, para a troca de saberes no processo de ensino e aprendizagem, é necessário um ambiente adequado que auxilie não só o professor, como também os estudantes. Afinal, “[...] o conhecimento não é só uma construção social como também é uma possibilidade de resgatar a dignidade do ser humano no interior da cultura a qual pertencemos” (GHEDIN, 2007, p. 28).

Assim, docentes e discentes lidam diariamente com a falta de investimentos na educação do campo, o que acaba por interferir no processo de ensino e aprendizagem, considerando que,

além da carência de investimento na educação, o professor tem que se dedicar mais ainda, para que seus alunos aprendam em um contexto de dificuldades diversas, visto que, ministrar aulas em uma classe cuja as idades, séries e níveis de aprendizagens são diferentes constitui um grande desafio, o qual exige do educador uma sobrecarga maior na elaboração de seu planejamento e ação, para atender à necessidade dos estudantes. Segundo Vasconcelos (2017, p. 59):

Para que a educação escolar se concretize não bastam apenas leis que garantem o seu funcionamento, nem teorias que assegurem o desenvolvimento dos educandos, há necessidade de pessoas qualificadas, para exercer da melhor forma possível a sua função de ensinar e proporcionar o desenvolvimento das potencialidades dos alunos nos diferentes aspectos, promovendo experiências efetivas de aprendizagem.

Vale ressaltar que não são as múltiplas séries que estamos nos referindo como causadoras da precariedade no processo de ensino e aprendizagem, mas sim as condições a que professores e alunos são impostos, desde a dificuldade em ir para a escola, até a estrutura escolar, além da carência de materiais didáticos, o que confirma a fragilidade de políticas públicas nestes espaços.

Diante disso, percebemos que não somente as escolas multisseriadas carecem de investimento, mas as escolas agregadas também. Se por um lado a escola agregada tem um número maior de alunos, reduzindo as diferenças de idades, por outro ainda persiste as críticas acerca do trabalho e sobrecarga do educador, além da ausência de investimento na estrutura física dessas escolas, dentre diversos fatores aqui já mencionados.

No que concerne à *escola nucleada*, também conhecidas como escolas polos, nas quais as turmas de alunos são organizadas em seriação. À escola nucleada também se encontram vinculadas as escolas anexas, que funcionam em prédios, com estrutura precária que pertenciam às escolas multisseriadas desativadas, mas que não funcionam com a organização legal daquela escola desativada e sim em extensão à escola nucleada, na qual atendem estudantes da Educação Infantil ao 9º Ano (SILVA, 2017).

Segundo Fagundes e Marini (2003), as décadas de 80 e 90 são marcadas pelo êxodo rural, tendo como principal influência o incentivo do governo para a implantação de indústrias, sendo um atrativo para que pessoas da zona rural deixassem suas comunidades e se aventurassem nas cidades em busca de melhores condições de trabalho. Os autores, afirmam, ainda, que durante a década de 90 a educação do campo passou por uma importante

transformação, quando algumas escolas multisseriadas, que predominavam no contexto rural já naquela época, transformaram-se em escolas nucleadas.

Silva (2017), argumenta que a política da nucleação visa a extinção das escolas pequenas, que, do ponto de vista capitalista, mais do que investimento, representa gastos desnecessários. Segundo essa perspectiva, é conveniente para os governantes fechar escolas pequenas e construir escolas maiores que atendam um número maior de alunos, que construir pequenas escolas em cada comunidade, com um número reduzido de estudantes.

Nessa direção, políticas educacionais, como o Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (PNATE) e o Programa Caminho da Escola, surgem como incentivo à Nucleação Escolar, promovem o deslocamento dos estudantes das comunidades para as escolas nucleadas, ou mesmo as escolas da cidade ao custo do fechamento de escolas multisseriadas (MOURA; SANTOS, 2012).

No município de Parintins as escolas nucleadas são, em sua maioria, seriadas, pelo número significativo de estudantes que atendem, inclusive, algumas turmas precisam ser atendidas em antigos prédios, antes designados às escolas multisseriadas, geralmente com a estrutura comprometida (SILVA, 2017). Contudo, é importante ressaltar que as escolas nucleadas também atendem em formato de turmas agregadas, uma vez que cada organização escolar atende à quantidade de estudantes matriculados naquele educandário, e nem sempre conseguem formar uma turma seriada.

A escola nucleada traz consigo críticas ferrenhas, um dos principais motivos é pelo fato como a de que os estudantes se veem obrigados a se deslocar de suas comunidades para a comunidade onde a escola núcleo se encontra. Gonçalves (2010, p. 1), corrobora com a afirmação acima, quando nos esclarece que as escolas nucleadas constituem um:

Processo que tem por objetivo a organização do ensino no meio rural, em escolas-núcleo, contrapondo-se a organização em escolas multisseriadas – orientação esta que implica em maior apoio técnico e financiamento a escolas de menor tamanho, mas localizadas no seio de cada comunidade, ainda que recebendo um pequeno número de alunos.

Sendo assim, os estudantes precisam se deslocar para outra comunidade, onde funciona a escola núcleo, posto que a nucleação se pauta no uso intensivo do transporte escolar e deslocamento de estudantes desde suas comunidades para escolas com maior quantidade de alunos (GONÇALVES, 2010). Tal política esbarra em diversas questões, como as grandes distâncias percorridas pelos alunos, além do transporte escolar que, na maioria dos casos

encontram-se em situações precárias, de modo que põe em risco a vida de estudantes e professores (SILVA, 2017).

Nas escolas localizadas em áreas de várzea, conforme nos esclarece Vasconcelos (2017), geralmente o período letivo inicia-se em setembro ou outubro, variando de acordo com o período da vazante do rio e termina o em abril ou maio, seguindo também o período de enchente do rio. E durante o período escolar, que ocorre no ciclo da vazante, as grandes distâncias percorridas por alunos e professores para chegar à escola constituem um desafio, pois na maioria das vezes os transportes fluviais encontram-se em péssimas condições de uso, ou ainda, estudantes que não tem acesso ao transporte escolar veem-se obrigados a irem a pé.

Contudo, como esclarece Silva (2017), embora as críticas acerca destas diferentes formas de organização do ensino no campo, estas são formas possíveis e necessária para que os estudantes das escolas do campo tenham acesso à educação. A autora compreende que as escolas do campo são essenciais e merecem ser valorizadas, tanto pelos sujeitos do campo quanto pelo poder público, independentemente do seu tipo de organização.

1. 2 Os materiais recicláveis como prática ambiental

Nos últimos anos a preocupação acerca do meio ambiente aumentou consideravelmente devido a mudanças bruscas no ecossistema, principalmente com relação ao acúmulo de lixos em todo o planeta, sendo um dos principais fatores que contribuem para a poluição do meio ambiente. De acordo com Melo, Cintra e Luz (2020, p. 133):

A palavra lixo, derivada do termo latim *lix*, significa “cinza”. No dicionário, ela é definida como sujeira, imundice, coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor. Lixo, na linguagem técnica é sinônimo de resíduos sólidos gerado pelo homem em suas atividades, considerado pelos geradores como inúteis, indesejáveis ou descartáveis.

O grande acúmulo de lixo, tem gerado uma questão preocupante, pois estima-se que o acúmulo de lixo tenha triplicado nas últimas décadas, devido à expansão das grandes indústrias com a fabricação demasiada de objetos grandes e pequenos dos mais variados tipos, principalmente objetos de plástico e descartáveis, onde o descarte geralmente é feito de forma incorreta, gerando mais lixos e conseqüentemente mais poluição do meio ambiente. Segundo Guimarães (2005), foi na década de 1970 que houve um aumento na poluição e o surgimento dos primeiros indícios de esgotamento de recursos naturais.

Pensar na preservação e no cuidado com o meio ambiente é algo muito complexo, tendo em vista a diversidade cultural, em que algumas culturas acreditam que os recursos naturais não se esgotariam, o planeta continuaria o mesmo, sem afetar nossas vidas. De acordo com Ferreira (2014), é necessário identificar a relação entre homem e natureza, tornando-se de vital importância tomar consciência do dever de estabelecer parâmetros para um mundo sustentável.

E a alternativa mais viável seria a Educação Ambiental (EA), todavia, é importante ressaltar que a educação é também desafiadora, uma vez que “jogar papel no chão” é algo que, para algumas pessoas, é um costume que se tornou tão normal, que quando a pessoa descarta o papel, é natural jogar no chão. Segundo Carvalho (2011), a EA tem uma proposta ética abrangente, cujo objetivo é reposicionar o ser humano no mundo, levando-o a reconhecer a alteridade da natureza e a integridade e o direito à existência não utilitária do ambiente.

E a EA, em escolas do campo, por exemplo, pode começar na família, desde o mais velho ao mais novo, para que os mais novos, principalmente as crianças, cresçam com consciência ambiental, respeitando e sabendo da importância de cuidar e preservar o meio ambiente. “Ela [a família] é um reduto consolidador de valores, e nela a educação ambiental pode corrigir erros e falhas de atuação do ser humano na natureza, convocando todos ao respeito e à proteção do meio ambiente” (FERREIRA, 2014, p. 95). Vale ressaltar que a EA, conforme Guimarães (2005, p. 17):

[...] vem sendo considerada interdisciplinar, orientado para a resolução de problemas locais. É participativa, comunitária, criativa e valoriza a ação. É transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, conscientizadora para as relações integradas do ser humano, sociedade, natureza objetivando o equilíbrio local e global, melhorando a qualidade e todos os níveis de vida.

Como podemos perceber, a EA é de suma importância no contexto escolar, principalmente em escolas do campo, onde o contato com a natureza é mais intrínseco em comparação às escolas da cidade. E a escola é o lugar onde os estudantes irão dar sequência ao seu processo de socialização, onde espera-se que comportamentos ambientalmente corretos sejam aprendidos na prática também (MELO; CINTRA; LUZ, 2020).

No âmbito escolar, é comum observar a seguinte cena: A criança escreve algo em uma folha de papel, amassa e, quase que automaticamente a joga no chão, mesmo com o cesto de lixo em sala. Mas, afinal, como a escola lida com essa questão?

Não há dúvidas de que a escola, para além de seu papel de transmissora do conhecimento, tem a função de instruir ao aluno como se tornar um cidadão consciente,

principalmente no início da inserção ao âmbito escolar, onde é construída a base da carreira escolar. Embora a família seja primeira educadora da consciência da criança, a escola e, mais precisamente, o educador também desempenha esta função.

Carvalho (2013), defende que para a formação de um sujeito ecológico, é necessário que estes valores sejam trabalhados em comunhão (família e escola), uma vez que “a identificação social e individual com esses valores ecológicos é um processo formativo que se desenvolvido a todo momento, dentro e fora da escola e que tem a ver como o que chamamos a formação de um sujeito ecológico e de subjetividades ecológicas (CARVALHO, 2013, p. 115)”.

Contudo, cabe aqui ressaltar que a escola não tem intenção de impor aos alunos para que se tornem sujeitos ecológicos, mas levar ao aluno a perceber a importância de cuidar e zelar pelo meio ambiente. “Ser ecológico é uma opção, não uma imposição ou uma verdade autoevidente, e aí entra o papel da escola e do educador que é um formador de opinião na batalha das ideias que atravessa nossa sociedade todo o tempo” (CARVALHO, 2013, p. 117).

Daí a importância de orientar a criança a compreender desde muito cedo a importância de cuidar e zelar o lugar onde vive, de não jogar lixo nas ruas, nos rios, ensinar que certos materiais podem ser reaproveitados e transformam-se em outras coisas, como brinquedos, jogos, entre outros. Conforme assegura Cinquetti (2004), a reciclagem de resíduos sólidos é um processo de modificação que ocorre pela ação humana (reciclagem industrial ou artesanal), onde determinado recurso transforma-se em um novo produto, denominados materiais recicláveis.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), uma das principais soluções para problemas relacionados ao lixo seria: *Reduzir*, *Reutilizar* e *Reciclar* (3R's), pois acredita-se que através destas ações aliadas ao consumo consciente haja redução do acúmulo de lixo e o desperdício de recursos naturais.

E neste sentido, o uso de materiais recicláveis pode se tornar uma importante ferramenta no âmbito das escolas do campo, como, por exemplo, para a construção de jogos educativos e recursos didáticos que auxiliem o professor no processo de ensino e aprendizagem das crianças, o que pode tornar as aulas mais dinâmicas e mais ricas, haja vista que com a utilização de materiais recicláveis há a possibilidade de trabalhar também a EA em qualquer disciplina, dependendo de como o educador vai conduzir a aula.

Por esta via, o uso de materiais recicláveis no âmbito escolar se torna uma das alternativas viáveis, uma vez que materiais que geralmente descartados de forma inadequada podem se transformar em grandes aliados do professor em suas aulas. Há infinitas

possibilidades de reciclar estes materiais, vistos comumente como lixo, tais, como trabalhar a consciência ambiental, por meio de oficinas, projetos, construção de brinquedos, jogos educativos, que permitam aos alunos construir seus próprios materiais, como possibilidade de serem utilizados como recursos didáticos, de modo que auxilie o docente durante as explicações de determinado conteúdo e facilite a compreensão e a aprendizagem dos educandos.

Conforme exposto, há diversas alternativas e possibilidades de propor atividades e projetos em escolas do campo envolvendo materiais recicláveis. E trabalhar a consciência ambiental é uma delas, além do mais, os recursos didáticos por meio de materiais recicláveis podem auxiliar educadores e educandos, como já mencionado anteriormente.

Segundo Moreira (2015), quando o educador propõe diferentes estratégias de ensino, como desenhar na lousa explicando a representação, dar dicas, conversar sobre o trabalho, ensinar a estudar, estimular o educando a escrever suas próprias ideias, dar certa autonomia para as produções e exposições de opiniões, sentimentos e pensamentos sobre as aulas, contextualiza as atividades com a realidade vivenciada pelos educandos, este proporciona maior significado aumentando a qualidade na aprendizagem. Com isso, entendemos que os materiais recicláveis vêm a ser podem constituir uma rica fonte de conhecimento e contextualização em escolas do campo.

1.3 Interdisciplinaridade no contexto de escolas do campo

Atualmente fala-se muito em interdisciplinaridade, em novas metodologias, novos meios para facilitar o processo de ensino aprendizagem. Esta, talvez, seja a maior discussão acerca da aprendizagem dos educandos das escolas brasileiras, em como fazer com que o aluno aprenda e compreenda determinado conteúdo e que isto seja significativo para ele.

A interdisciplinaridade vem mostrando-se um bom caminho a ser trilhado. Apesar de aparentemente a interdisciplinaridade ter surgido e ganhado mais notoriedade recentemente, pressupõe-se que esta tenha surgido nas discussões acadêmicas há cerca de dois decênios (COIMBRA, 2000). Sem, todavia, receber a devida atenção que atualmente está recebendo, com base no crescente número de trabalhos científicos acerca do assunto.

A interdisciplinaridade, em seu sentido etimológico, é a junção de diversas disciplinas, tendo como foco principal promover uma aprendizagem significativa. Todavia, Fazenda (2008) esclarece que interdisciplinaridade não pode ser compreendida somente como união de diversas disciplinas na formatação da grade. Em suas pesquisas, Fazenda (2008) faz uma análise crítica na precariedade da educação e no caminhar da interdisciplinaridade no Brasil, onde escancara uma educação onde o ensino da língua é empobrecido e formal, onde os livros didáticos

garantem a memorização e as regras gramaticais “por elas mesmas” reprisadas em exercícios estéreis, onde o conhecimento é fragmentado.

Com isso, Fazenda (2008), afirma que a interdisciplinaridade vai além de apenas uma junção de disciplinas, tem de ser pensada como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, pois só assim os paradigmas serão quebrados e ensinar exige dedicação e ousadia.

De acordo com Coimbra (2000), a palavra traduz esse vínculo não somente entre saberes, mas de um saber com outro saber ou dos saberes entre si. Haja vista que a interdisciplinaridade é a dimensão do conhecimento, de modo que é através dela que ocorre o diálogo e troca de saberes entre as disciplinas que por muito tempo colaboraram para a fragmentação do conhecimento, dando a entender que as diversas áreas do conhecimento não podem jamais ser interligadas.

Para que haja esse diálogo, é necessário que o educador esteja bem preparado, já que grande parte das escolas brasileiras ainda segue os moldes multidisciplinar. Ainda é evidente a dificuldade que as intuições escolares têm em se desprender do modelo multidisciplinar (ZANONI, 2000).

No que tange à multidisciplinaridade, “os indivíduos conversam sobre seus conteúdos disciplinares, mas não verificam avanços no sentido de construir conexões” (BERTI, 2007, p. 63). Cada disciplina é apresentada simultaneamente, no entanto não há nenhuma relação entre elas, de forma que geralmente fica um conhecimento limitado e fragmentado.

A multidisciplinaridade tem sua importância no campo educacional, porém, é importante frisar que o conhecimento disciplinar não é mais suficiente para responder as questões complexas da sociedade atual. Zanoni (2000, p. 118), nos esclarece que:

[...] é preciso entender que a interdisciplinaridade é muito mais um ponto de partida do que um ponto de chegada, e que ela não é dada de antemão, através de fórmulas ou regras, mas se constrói, em um processo criativo, a múltiplas mãos, necessitando para isso de um tempo e de uma dinâmica de trabalho bastante distintos de um processo de pesquisa disciplinar.

É notório a importância da interdisciplinaridade no contexto escolar, pois esta proporciona conexões de diversos conteúdos, inclusive os temas transversais constituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (Ética, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo), já que os temas em sua amplitude, perpassam diferentes campos do conhecimento. “Por exemplo, a questão ambiental não é compreensível apenas a partir das contribuições da Geografia. Necessita de conhecimentos históricos, das

Ciências Naturais, da Sociologia, da Demografia, da Economia, entre outros” (BRASIL, 1997, p. 29).

Quebrar esses paradigmas que foram impostos aos diferentes ramos dos conhecimentos e pôr em prática no âmbito é de suma importância. Para José (2008, p. 94):

Muito mais que destruir as barreiras que existem entre uma e outra, a interdisciplinaridade propõe sua superação. Uma superação que se realiza por meio do diálogo entre as pessoas que tornam a disciplina um movimento de constante reflexão, criação - ação. Ação que depende, antes de tudo, da atitude das pessoas. É nelas que habita - ou não - uma ação, um projeto interdisciplinar.

Com isso, entende-se a importância de colocar a interdisciplinaridade em prática, principalmente nos anos iniciais, já que educadores deste nível de ensino, geralmente ministram aulas de todas as disciplinas (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Educação Física), o que, de certa forma, corrobora para a interdisciplinaridade. Entretanto, ainda há dificuldade por parte do docente em pôr em prática a interdisciplinaridade, até pelo fato de ter que seguir a matriz curricular, que geralmente é no molde disciplinar. Daí a importância de um educador preparado e seguro de sua prática docente, que seja capaz de transformar o contexto escolar em um espaço de construção e compartilhamento de diferentes saberes que se interligam.

Nas escolas do campo o grau de dificuldade e sobrecarga de professores é evidente, talvez maior que professores de escolas seriadas, pois além das disciplinas que o professor ministra, o fato de haver mais de uma série em uma única sala contribui para tal dificuldade. Contudo, esta pode ser uma possibilidade para que a interdisciplinaridade aconteça.

A multissérie sendo a principal característica deste tipo de organização, de certa forma corrobora para que a conexão de diferentes saberes aconteça, o educador, ciente dessa possibilidade, pode proporcionar um ambiente rico de conhecimentos, com trocas de diferentes saberes, com grandes chances de o educando compreender de fato o que está sendo ensinado e compreender, assim, que os conhecimentos não são fragmentados.

Segundo José (2008), por meio da interdisciplinaridade o educando vai aprendendo a participar de forma crítica e consciente das propostas sociais, a começar pelas que mais lhe atinge. Para haver a interdisciplinaridade no contexto escolar onde a multissérie se faz presente é necessário, a princípio, haver o diálogo.

Diálogo entre professor e aluno, entre professores, entre todos que fazem parte da escola, pois a interdisciplinaridade possibilita o diálogo, conforme enfatiza Fazenda (2003), a

importância do diálogo se faz presente, pois é uma condição possível para a eliminação das barreiras entre as disciplinas. “Disciplinas dialogam quando as pessoas se dispõem a isto [...]” (FAZENDA, 2003, p. 50).

Para tanto em escolas do campo há grandes possibilidades de a interdisciplinaridade ser posta em prática, e embora existam barreiras para que esta se concretize, há a possibilidade de educador interligar as disciplinas, tornando o conhecimento mais amplo, tal como propõe o trabalho interdisciplinar.

É imprescindível articular os saberes nas escolas do campo, pois conforme defende Hage (2005), para que o processo de ensino aprendizagem nas escolas do campo seja transgredido é urgente e necessário reconectar as partes do conhecimento que ao longo do tempo foram fragmentados.

O trabalho com a EA e os 3R's em escolas do campo, possibilita a interdisciplinaridade, na medida em que aproxima teoria e prática e articula as mais diversas disciplinas contribuindo para um rico processo de partilhas e troca de saberes nessas escolas. Assim, “nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo (FREIRE, 1996, p. 28)”.

Com isso entendemos que o trabalho interdisciplinar constitui uma importante ação do professor, por possibilitar a articulação entre os diversos no processo de ensino e aprendizagem nas escolas do campo, no qual professores e alunos constroem e partilham conhecimentos úteis e válidos não só para o âmbito escolar, mas para a vida.

1.4 Materiais recicláveis como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem

O contexto escolar em tese é o espaço em que as pessoas que nela adentram com o intuito de aprender conteúdos que o professor pretende ensinar. É o espaço onde o ensino e a aprendizagem são sistematizados, visto que este processo pode ocorrer em diversos espaços, de várias formas.

Porém, não basta só que a escola esteja ali, é necessário que haja boas condições para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra da melhor forma, tanto para o educador quanto para educandos. Com relação à aprendizagem, entendemos que é “um processo de aquisição e assimilação mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir” (SCHMITZ, 1982, p. 53).

Aprender é um processo complexo, o professor, como mediador do conhecimento, estratégias para que seus alunos compreendam os conteúdos trabalhados. E os recursos didáticos têm grande relevância neste processo, dado que, auxiliam o professor na hora de ensinar os educandos.

Conforme Souza (2007), recurso didático é todo material utilizado como auxílio no processo de ensino e aprendizagem no conteúdo que o professor irá explicar para seus alunos. E conforme salienta Quirino (2011, p. 13):

Os recursos de ensino, em seus mais variados tipos, são responsáveis por compor o ambiente da aprendizagem em toda sua amplitude, dando origem à estimulação para o aluno, visando, de tal forma, despertar o interesse favorecendo o desenvolvimento da capacidade de percepção e observação, numa tentativa de aproximar o aluno da realidade.

Com isso, entendemos que é essencial que o educador promova uma aprendizagem significativa para os estudantes, despertando-lhes a criticidade e o desejo de aprender por meio de aulas dinâmicas e prazerosas.

As escolas públicas brasileiras em sua maioria passam por diversas dificuldades, inclusive no que diz respeito a insuficiência de recursos didáticos, cuja ausência constitui um dos fatores que contribuem para a precariedade em que se encontra o ensino e a aprendizagem atualmente.

Segundo Castoldi e Polinarski (2009), os recursos didático-pedagógicos são importantes ferramentas para preencher as lacunas que o ensino tradicional comumente deixa, visto que, quando o conteúdo é exposto de forma diferenciada, possibilita que os educandos se tornem participantes ativos do processo de aprendizagem.

Assim, além dos recursos básicos (e essenciais) que há no ambiente escolar (quadro de escrever, pincel ou giz e livro o didático), podemos encontrar os cartazes, televisão, DVD gravador, computador e data show (QUIRINO, 2011).

E o livro didático, é talvez, o recurso mais utilizado pelos docentes, mas também, um dos recursos mais polêmicos, ora visto como “mocinho”, ora como um “vilão”. Isto ocorre, às vezes, pelo fato de alguns professores se prenderem demais a este recurso, vendo-o como o melhor e mais valioso recurso didático para ensinar. Inclusive, de acordo com Luckesi (1994), o livro didático muitas vezes é assumido como uma “bíblia”, no qual tudo que está nele tem que ser tomado como verdade única.

É importante destacar que o livro didático se constitui uma importante ferramenta neste complexo processo do ensinar e aprender. Todavia o educador tem que saber como vai utilizar

este recurso, uma vez que os livros didáticos geralmente apresentam conteúdos de abordagem muito gerais, como se as escolas e estudantes fossem todos iguais, pertencentes aos mesmos locais e mesma cultura. Assim, ao utilizar esta ferramenta, o professor precisa contextualizá-lo com a realidade em que a escola está inserida, pois, “[...] o educador é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e à aprendizagem (LUCKESI, 1994, p. 115)”.

Apesar de ser um recurso essencial, o livro didático nem sempre é suficiente para sanar as dúvidas dos educandos, tendo em vista que nem todos aprendem no mesmo ritmo, uns aprendem com mais facilidade, outros demoram um pouco mais. Sobre isso, Silva (2015), afirma que:

[...] um olhar atento às salas de aula possibilita constatar que o dia a dia das escolas do sistema oficial de ensino não tem se mostrado consoante com o paradigma científico da atualidade, refletindo [...] a concepção abstrata e mecânica do processo de aprendizagem e espelhando o enorme hiato entre o pensar, o sentir e o fazer; entre corpo e mente; entre inteligência, sensibilidade e afetividade (SILVA, 2015, p. 102).

Com isso entende-se a importância de buscar novas maneiras que têm como finalidade auxiliar o professor em sua prática docente e colaborar para a aprendizagem dos educandos.

Uma das alternativas viáveis é através da ludicidade, que além de tornar as aulas mais dinâmicas, o educando diverte enquanto aprende, mesmo que não se dê conta disso. Kyia e Dionízio (2014) entendem que o lúdico possibilita que o sujeito tome consciência do seu meio, de tudo que está a sua volta, criando relações com esse meio, aprendendo com ele e através dele.

No que se refere as escolas do campo, as grandes dificuldades que há nestes espaços perpassam também pelos recursos didáticos, geralmente insuficientes ou inexistentes, de forma que o educador tem que buscar outros recursos além do quadro e do pincel/giz. Luckesi (2015), fala da importância de o educador inovar na hora de construir conhecimentos com educandos, especialmente nas séries iniciais, pois:

Educar exclusivamente pela fala, certamente, que não estará se servindo desse núcleo da natureza do ser humano. Então, muitas vezes, pais, mães, adultos, educadores e educadoras farão belos discursos para uma criança e ela, ou não compreenderá o que foi dito, ou não assimilará a lição (LUCKESI, 2015, p. 135).

Conforme exposto, é necessário o uso de recursos didáticos no processo de ensino e aprendizagem do educando. Através da ludicidade é possível diversas alternativas principalmente nas escolas do campo, tendo em vista que a falta de recursos, dentre outras coisas se faz presente, muito mais do que nas escolas da cidade. E, diante desta realidade, a construção de jogos didáticos a partir de materiais recicláveis torna-se uma opção viável, pois além de contribuir com o meio ambiente, a riqueza desses materiais pode ser de enorme auxílio ao processo de ensino e aprendizagem.

Dinello (2004), destaca que através de atividades lúdicas as crianças manifestam uma aprendizagem de habilidades, transformam sua agressividade em outras relações criativas, usam a imaginação e se socializam, evoluindo em diversos aspectos e se tornam independentes.

Contudo, é importante destacar a importância de um educador comprometido com a educação, visto que, “[...] um educador que se acomoda, que espera que os outros resolvam suas dificuldades dificilmente será o protagonista do conhecimento, se não o mero reprodutor de idéias e práticas alheias (HAGE, 2005, p. 16)”.

Daí a relevância de um educador que esteja sempre em busca de inovar e aprimorar sua prática docente, seja nas escolas do campo, seja na cidade, pois o ato de educar exige constante atualização do professor, de forma que este ajude o aluno a construir conhecimentos, respeitando e articulando, os conhecimentos que estes possuem.

De igual modo, é necessário que o educador esteja ciente que, para a criança, “[...] a aprendizagem ocorre por experimentar ações com tudo que lhe chama atenção no dia a dia, por isso, é superativa; o tempo utilizado em uma atividade qualquer é curto; há que se vivenciar em muitas e muitas coisas” (LUCKESI, 2015, p. 134).

Os recursos didáticos aliados aos materiais recicláveis de forma lúdica, tende a trazer bons resultados, desde a construção de jogos educativos, atividades educativas, alfabetos móveis, com tantas outras possibilidades de ricas experiências, nas mais diversas disciplinas, tanto para educador quanto para educando, considerando que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 25).

Dessa forma, educador e educando podem aprender num processo mútuo de ensino e aprendizagem, criando e recriando, nas formas de ensinar e aprender e assim, uma aprendizagem significativa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa, a qual possibilita que o pesquisador e o objeto de pesquisa tenham um contato direto mais intrínseco, não se prendendo apenas a dados quantitativos e observacionais (LÜDKE; ANDRÉ, 2018). A pesquisa qualitativa possibilita criar uma relação com os sujeitos investigados, como no caso deste estudo o qual visou investigar em que medida o uso de materiais recicláveis pode contribuir como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo do Município de Parintins.

Trata-se de uma pesquisa aplicada, já que se utilizou de materiais recicláveis como ferramenta didática para trabalhar os conteúdos nas aulas com os alunos. Conforme salienta Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa aplicada tem como principal finalidade gerar conhecimento para a aplicação prática, cujo enfoque é a solução de problemas específicos, no qual envolve verdades e/ou interesses de localidades ligadas ao objeto de estudo e aplicação.

Utilizamos das técnicas de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, que segundo Severino (2007), decorre de pesquisas voltadas para determinado assunto, tal qual livros, artigos, documentos, entre outros. No que tange à pesquisa de campo, o objeto de pesquisa é pesquisado em seu ambiente natural, no caso deste estudo, no contexto escolar, sem a intenção de qualquer interferência por parte do pesquisador. A finalidade da utilização destas técnicas foi facilitar a busca do objetivo do projeto, de investigar em que medida o uso de materiais recicláveis pode contribuir como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo.

A coleta de dados aconteceu em dois momentos: no primeiro foi feita com professores das escolas de várzea, que participaram do Projeto de Produtividade “*Saberes Tradicionais e Científicos como eixo articulador em escolas ribeirinhas: desafios e possibilidades para professores da educação do campo*” organizado pela professora Simone Souza Silva. Por meio da técnica de roda de conversas, os professores relataram suas experiências de como é lecionar em escolas ribeirinhas multisseriadas, agregadas e/ou nucleadas, e como utilizam os materiais recicláveis em suas atividades de sala de aula.

Os 7 professores pesquisados, foram escolhidos pela pesquisadora por se tratar de professores que participaram de todos os encontros durante o desenvolvimento do curso de formação por meio do Projeto de Produtividade e trouxeram ricos relatos de experiências acerca de como utilizavam materiais recicláveis, além das experiências nas escolas do campo. E, para

preservar as identidades dos sujeitos pesquisados, foram escolhidos nomes fictícios, ~~no qual~~ onde cada educador foi nomeado com nomes de elementos que fazem parte da natureza.

A seguir foram coletados dados durante a realização do Estágio com Pesquisa, principalmente, no desenvolvimento do Projeto de Intervenção com alunos de uma turma agregada do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Santa Terezinha do Aninga”, na Comunidade do Aninga, no Município de Parintins/AM.

Quadro 1: Turmas e número de alunos da Escola Municipal “Santa Terezinha do Aninga”

TURMAS	Nº DE ALUNOS
1º Ano	6
2º Ano	7
3º Ano	4
TOTAL	17

Fonte: Dados da secretaria da escola, 2019.

Para esta etapa elaboramos um Projeto de Intervenção na perspectiva interdisciplinar, por meio do qual desenvolvemos oficinas, envolvendo recursos didáticos confeccionados com materiais recicláveis.

Como instrumentos para a coleta de dados, utilizamos o diário de campo para anotações e o celular para registro de imagens e gravação de voz. Utilizamos também a técnica da observação participante, atenta a cada detalhe, e ainda conversas informais com a professora, alunos e funcionários da instituição, pois conforme alerta Chizzotti (2010), a confiança se manifesta na forma de um diálogo informal, no qual o investigador deve deixar o pesquisado inteiramente livre para exprimir-se sem receios, falar sem constrangimentos sobre seus atos e atitudes, interpretando-os no ambiente em que se realiza.

Ao final das oficinas, os alunos entregaram seus respectivos trabalhos para compor o livro que foi proposto no Projeto de Intervenção. Os trabalhos envolveram alunos de diferentes níveis de ensino e níveis de aprendizagem por se tratar de uma turma de sala agregada. Assim foi construído o livro “*Bajara dos Animais*”.

Nas atividades realizadas buscamos analisar como os recursos didáticos confeccionados, a partir de materiais recicláveis podem promover a interdisciplinaridade e como isso influencia no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes nas escolas do campo, segundo a concepção de uma professora, que atua em uma escola agregada, lócus da aplicação da oficina.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa sobre os recursos didáticos em escolas do campo sucedeu-se de duas formas: a pesquisa com professores das escolas do campo, na formação de professores organizada pela professora Doutora Simone Souza Silva, por meio do Projeto de Produtividade em agosto de 2019 e a realização do Projeto de Intervenção em uma escola agregada em novembro do respectivo ano.

3.1 Os relatos das experiências e vivências dos professores das escolas do campo

A formação de professores, por meio do Projeto de Produtividade visou incentivar e valorizar os professores que trabalham nas escolas do campo, promovendo a partilha de suas experiências e metodologias de sala de aula. Na formação, cerca de 7 professores relataram suas vivências sobre como é lecionar em escolas do campo, inclusive, como lidam com a falta de recursos didáticos nestes espaços. Os relatos coletados foram de suma importância para a compreensão desta pesquisa, considerando que cada educador, apesar de todas as adversidades, procurou dar o seu melhor para contribuir com uma aprendizagem significativa.

Em uma das formações houve exposição de recursos didáticos construídos pelos professores, a partir de materiais recicláveis, os quais podem ser utilizados em suas aulas. Nesta atividade, os professores compartilharam e narraram situações das salas de aula, explicando o objetivo do recurso didático e como os utilizavam em suas aulas.

[...] Aqui como vocês podem observar, é uma caixinha de sapato, uma embalagem de sapato e o nome da caixinha é Caixinha de Leitura, porque ela é uma caixinha interdisciplinar. Você pode trabalhar tanto a Língua Portuguesa, porque na sequência didática a gente trabalha o Português, a Geografia, a Matemática, a História e assim vai. [...] (Professora Árvore).

Figura 1: Recurso Caixinha de Leitura.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Através do relato da professora podemos perceber a riqueza dos recursos didáticos, e como eles podem auxiliar o docente, principalmente os educandos. E mesmo os recursos mais simples, se bem aproveitados e explorados tendem a trazer excelentes resultados, além de não se prender somente em um assunto ou uma disciplina, como expressou a professora Árvore.

De acordo com Freire (2013, p. 147):

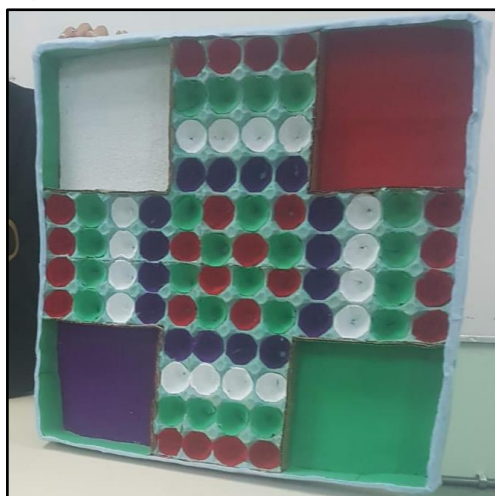
A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas as estas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados.

Assim, entendemos que não é suficiente o educador dominar e explicar os conteúdos, é igualmente necessário que este esteja atento às situações da sala de aula e busque entender como cada aluno aprende e/ou constrói conhecimentos.

Contextualizar os conhecimentos escolares com a realidade dos educandos é de suma importância, uma vez que assim, o professor estará contribuindo de forma significativa para a aprendizagem dos estudantes, que por sua vez sentir-se-ão valorizados, como buscou fazer a Professora Floresta:

Esse aqui é o Desafio das Sementes, aqui nesse jogo você vai precisar de 80 sementes, no caso o caroço de tucumã¹, então essas cores aqui eu coloquei aleatório, porque eu aproveitei esse material que estava em casa, aqui nesse jogo você pode trabalhar as cores primárias também, você coloca nesses intervalos aqui de cores (Professora Floresta).

Figura 2: Recurso Desafio das Sementes.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

¹ Fruta nativa do Norte da América do Sul, encontrada principalmente Região Amazônica.

Conforme exposto, a professora Floresta buscou elementos que fazem parte da realidade dos alunos, os quais se encontram na natureza, como a semente de tucumã. E, apesar de ter sido utilizado apenas para a disciplina de Artes, é notório que há a possibilidade de estabelecer conexão com outras disciplinas, como, por exemplo em Ciências, já que o recurso didático foi construído com caroços de tucumã, de modo que é possível abordar quais os benefícios nutricionais da fruta, trazer também a problemática da reciclagem, uma vez que o recurso foi 100% reciclável. Em Geografia, pode ser abordado em que contexto se encontra a árvore do tucumã, qual é o clima que esta melhor se desenvolve. Em Língua Portuguesa, utilizando a palavra “tucumã” como palavra geradora, principalmente ao ensinar a família silábica da letra T.

Segundo a professora Floresta, “o material didático foi quase 100% reciclável, pois, além das 80 sementes de tucumã, foram utilizadas embalagens de ovo, caixa de papelão e tinta, o único gasto foi com a cola”. O recurso utilizado por esta professora, aparentemente é simples, mas eficaz e rico em conhecimentos e, desde que o educador saiba explorá-lo, poderá ser utilizado em diversas disciplinas e diferentes níveis de ensino. E conforme nos lembra Leal (2014), a educação de crianças em escolas do campo deve proporcionar a educação científica, usufruindo os espaços educativos presentes naquele contexto, sobretudo, os elementos disponíveis na natureza, os quais configuram-se em ricas fontes de conhecimento.

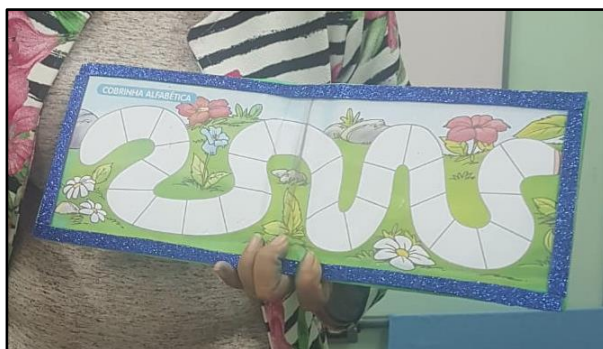
Também foi mencionado em algumas falas de alguns professores, a questão de adaptar os jogos de uma disciplina para outra, ou seja, utilizar os mesmos recursos nas mais diversas disciplinas, como Língua Portuguesa, Matemática, etc. E foi o que propôs a Professora Nuvem por meio do recurso didático, direcionado aos alunos do 1º e 2º Ano, o jogo *Cobrinha Alfabética*, *Cobrinha Silábica* ou *Cobrinha Numérica*

Figura 3: Jogo da Cobrinha Alfabética.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Figura 4: Jogo da Cobrinha Alfabética.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

[...] o nome dele [o jogo] é *Cobrinha Alfabética*, mas pode também ser a *Cobrinha Silábica* ou a *Cobrinha Numérica*, dependendo do ponto de vista de

quem vai trabalhar o conteúdo. Então, eu achei assim, interessante porque meus alunos são crianças que não gostam de estar escrevendo na lousa. Para eles, a aula mais chata é aquela onde eles têm que copiar, aí eles ficam caçando alguma coisa diferente dentro da sala de aula para fazer e para ocupar o tempo. Pensando dessa forma [...] qualquer imagem eu pego, trabalho e transformo em algum jogo, para que possa ser trabalhado em sala de aula na Língua Portuguesa, Matemática ou em outras matérias. Então, eu achei interessante, porque além de ser colorida, ela [a Cobrinha Alfabética, Silábica ou Numérica] é tipo um quebra-cabeça, onde a criança tem que encaixar as peças (Professora Nuvem).

Em seu relato, a professora Nuvem deixa transparecer diversas situações do cotidiano em que geralmente as escolas do campo se encontram, como a diferença de um educador comprometido e criativo, para conseguir aproveitar os materiais disponíveis e transformá-los em um recurso didático para auxiliar aos estudantes. A professora relatou ainda de sua preocupação com o fato de que seus alunos consideram as aulas tradicionais cansativas e chatas. Isso nos chama atenção, pois é evidente a preocupação da educadora com aprendizagem dos educandos, pois sempre está em busca de novos meios para que estes se sintam estimulados em aprender e superando as aulas cansativas e monótonas, conforme nos relatou.

Para a confecção do recurso didático, a professora Nuvem relatou que foi construído a partir da tampa de caixa de papelão, foi decorado com folhas de livros velhos, os quais não estavam mais sendo utilizados, além de retalhos de E.V.A, que geralmente são descartados no lixo. Curiosamente, a priori o recurso didático apresentado pela Professora Nuvem não tinha o formato de uma cobra, como o próprio nome dizia, mas sim de um livro, inclusive, explicou que apenas havia dobrado para ficar encaixado na caixinha confeccionada.

De acordo com Souza (2007), a utilização de recursos didáticos no processo de ensino e aprendizagem é preponderante para que o estudante compreenda o conteúdo que está sendo trabalhado, pois este desenvolve a criatividade, a coordenação motora e a habilidade do educando ao manusear objetos diversos que poderão ser usados pelo professor na aplicação de suas aulas.

Um fato que nos chamou atenção durante o relato da professora Nuvem foi quando esta esclareceu que “o jogo não estava à altura dos recursos didáticos apresentados pelos demais educadores” ali presentes na socialização. Todavia, os professores que participaram da roda de conversa, mostraram que não era bem isso e que o recurso didático apresentado pela professora Nuvem revelava-se se de uma riqueza grandiosa para todos, considerando que o jogo possui múltiplas funções e por meio dele, pode-se trabalhar vários conteúdos de uma mesma disciplina, além de possibilitar a interdisciplinaridade, já que o nome jogo refere-se a um réptil muito

presente no contexto amazônico, além do mais, ajuda a fixar na mente das crianças o conteúdo ensinado de forma lúdica.

É importante salientar que não é suficiente propor diferentes formas para que o aluno construa conhecimentos e aprendizagens significativas, é igualmente importante que o aluno tenha disciplina e saiba zelar pela escola e pelos recursos didáticos que esta possui, sobretudo, os confeccionados pelos educadores e pelos educandos, com mediação do educador.

Como foi dito aqui, quando eles [os alunos] fazem [os jogos], eles têm mais prazer em brincar e zelar, porque uma coisa que a gente sempre diz é que o aluno tem que ter disciplina. Se a escola tem disciplina, o aluno tem que usar a farda, então ele tem que ter disciplina no seu material didático, tem que ter disciplina com os jogos da escola [...] (Professor Céu).

Conforme enfatiza o professor Céu, propor jogos, dinâmicas, construir recursos didáticos não significa que os educandos têm que ficar todo o tempo pensando só em jogar, é necessário ter disciplina e que haja zelo e cuidado com os materiais, pois a disciplina está presente em nossa vida, seja em casa, na escola, em qualquer lugar e isto também tem que ser ensinado, sobretudo, nos anos iniciais.

Um dos professores salientou a importância e o cuidado que o docente precisa ter quando o recurso for um jogo educativo, pois há a questão da competição, do ganhar do perder. Segundo este professor, isso tem de ser ensinado desde a inserção da criança no âmbito escolar, para que caso perca no jogo, não fique agressivo e queira brigar com os demais colegas. Por isso, ele teve o cuidado de elaborar um jogo educativo a partir de materiais recicláveis, no qual nenhuma das crianças perdesse, ou seja, todas eram ganhadoras.

Então a questão do dominó, deixar bem claro aqui, enquanto professor e jogador de dominó por esse material, dizer para eles que no começo aqui não tem ganhador e sim ganhadores. Porque a tendência é levar a criança a um espírito de ganhador que tem que levar, e nesse ganhar leva a criança a ser uma pessoa egocêntrica e querer machucar o coleguinha, querer esmurrar às vezes por conta do jogo. Então nossa preocupação enquanto professor é fazer com que esse jogo forme um cidadão, um cidadão jogador, que ele aceite [perder] e, por isso eu desenvolvi essa questão assim: “eu não tenho”, então começa com quem tem as cores, começa dizendo quem tem as cores porque no final de tudo, todos irão jogar e ninguém irá perder (Professor Rio).

Figura 5: Jogo do Dominó.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Figura 6: Jogo do Dominó confeccionado a partir de tampinhas de garrafa PET.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Conforme o professor Rio narrou, é importante orientar desde o início questões, como a postura de como o aluno deve agir diante de uma situação no jogo, a qual o leve a perder ou ganhar. Esta preocupação demonstra a grande responsabilidade que os educadores têm em formar bons cidadãos, críticos, pensantes, mas acima de tudo cidadão íntegros, e isso começa na educação básica. Nas palavras de Castro (2008), o professor é a peça fundamental no processo de conscientização da sociedade, já que como mediador, é quem vai orientar seus educandos durante o processo de construção dos conhecimentos tanto no que se corresponde às disciplinas escolares, quanto para a vida.

Durante a socialização na roda de conversa com os professores das escolas do campo que participaram da formação oferecida por meio do Projeto de Produtividade, sob a coordenação da professora, Simone Silva, percebemos que grande parte dos educadores preocuparam-se em contextualizar os assuntos com a realidade do aluno, desmistificando o que foi lido algumas obras no percurso deste estudo, de que os professores das escolas do campo por vezes não valorizavam e não contextualizavam com o a realidade do aluno.

Durante os relatos, os professores destacaram a importância de trabalhar, a partir dos conhecimentos e da realidade dos educandos, a exemplo do Professor Boto, o qual enfatizou: *“Você pode trabalhar a letra “J”, também o som da letra “J”, a questão da Geografia, dos animais, do jacaré, que é da nossa região e trabalhar Ciências”*.

Em outra fala, o professor Boto trouxe à tona a questão da cheia e da vazante, e em como trabalhar esta temática na Educação Infantil, ao apresentar um recurso didático, o qual denominou de *Relógio do Tempo* (Figura 7 e 8), confeccionado, a partir de uma tampa de balde

de tinta com detalhes em E.V.A., destacando: “*Aqui trabalha a questão da enchente, trabalha a nossa realidade daqui. Por exemplo, no inverno a gente fica praticamente na maromba²[...]. Trabalhar a questão da nossa realidade, também é muito importante*” (Professor Boto).

Figura 7: Relógio do Tempo.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Figura 8: Demonstração enchente e seca.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Conforme enfatizou o Professor Boto, é de suma importância trabalhar a realidade dos estudantes desde o início da carreira escolar, pois, no seu fazer pedagógico, o educador tem a possibilidade de construir junto com os educandos diversos instrumentos que proporcionem aprendizagens significativas, sobretudo àqueles que estão ligados à realidade cultural e social das crianças (VASCONCELOS, 2017).

Os docentes relataram que sempre guardavam materiais que poderiam ser reciclados: caixinhas de perfume, vidro de amaciante, de shampoo, tampa de balde, caixas de papelão grandes ou pequenas, tampinhas de garrafa PET, qualquer material que tinha a possibilidade de se transformar em um recurso didático. Destacaram a importância de fazer isso até mesmo para contribuir com o meio ambiente. Destacaram, ainda, que discutiam questões em sala de aula com seus alunos, a importância de não poluir o meio ambiente, de reutilizar e reciclar.

Souza (2007), adverte que o docente deve ter cautela ao utilizar o recurso didático, de forma que responda aos seguintes questionamentos: *O que? Quando? Como? e Porquê?* Além de ter um objetivo claro, domínio do conteúdo e organização para a utilização de tais materiais. Essa compreensão é necessária e contribui para que o educador esteja atento e seguro quanto ao que vai fazer em sala de aula, de forma que o recurso utilizado não sirva meramente para entreter os alunos, mas sim tornar a aula proveitosa.

² Pontes ou currais de madeira suspensos, geralmente construídos durante o período da cheia em comunidades ribeirinhas ou em partes alagadiças do município.

Percebemos que maioria dos recursos didáticos apresentados pelos professores, eram denominados de jogos: Jogo das Sementes, Jogo do Dominó, Jogo 3 ou 6, Jogo da Cobrinha, etc., cujos objetivos em sua maioria, era possibilitar ao aluno aprender brincando.

É importante frisar a importância das rodas de conversas e das formações oferecidas a professores do campo, como esta que aqui mencionamos, por meio da qual foi possível aprender uns com os outros, partilhar experiências, conhecimentos, diferentes tipos de recursos didáticos. Inclusive, os educadores enfatizaram a importância das formações, como veremos a seguir na fala de uma educadora.

[...] a gente nunca deve desistir dos métodos que nos apresentam, das Formações [de Professores] que nós fazemos, porque um dia ela vai servir e você vai conseguir mostrar o que aprendeu. O último curso que eu fiz foi o PNAIC³ e esse foi o curso que mais me identifiquei, que me deu uma base de trabalhar com a alfabetização (Professora Flor).

Como relata a professora Flor, a formação de professores é de suma relevância para o amadurecimento do educador, pois assim terá uma visão mais ampla, tende a acompanhar as transformações no que concerne às novas metodologias, dentre outros aprendizados, os quais as formações de professores proporcionam. Além do mais como argumenta Silva (2017, p. 71), “há necessidade de uma formação de professores sólida e apropriada para trabalhar com os estudantes em sala de aula, o que demanda compromisso dos governantes e orçamento destinado a essa finalidade”.

Contudo, cabe esclarecer que recursos didáticos não se reduzem somente a jogos educativos, considerando que assim como os jogos, é possível construir também outros recursos didáticos, a partir de materiais recicláveis, como fichas de leituras, alfabetos ou numerais móveis, dentre outros.

3.2 Intervenção interdisciplinar através de recursos didáticos lúdicos em uma escola agregada

Outra forma de coleta de dados para este estudo foi por meio da aplicação de um projeto de intervenção em uma turma agregada com alunos de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental, com idades de 6 a 9 anos, levando em consideração o conteúdo adaptado para cada série e nível de aprendizagem.

³ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Com o auxílio de recursos didáticos confeccionados, a partir de materiais recicláveis, buscamos alcançar os objetivos propostos para esta finalidade. Foram construídos um jogo com figuras de animais e um livro com papelão.

Notamos que os alunos ficaram bastante animados, e entusiasmados com as atividades diferenciadas, nas quais foram bem ativos e participativos, o que é bom, considerando que a participação dos educandos é primordial em qualquer atividade e geralmente nem todos os alunos gostam de participar, seja por timidez ou por medo de errar.

Em conversas informais com os alunos durante o período do estágio com pesquisa, sempre questionava sobre o que pensavam quando se deparavam com atividades diferenciadas, além do livro didático, quadro e pincel. E quase sempre relatavam as mesmas coisas: que era legal, mais divertido, que gostariam que a professora fizesse isso sempre, em todas as aulas.

Todavia, é importante destacar que nem sempre o professor assim o faz, pois depende em grande medida das condições a que ele está sujeito, como, por exemplo, a sobrecarga de trabalho, a falta de recursos disponíveis no contexto escolar, dentre outros fatores, especialmente em escolas multisseriadas, ou agregadas, como é o caso da escola investigada.

Em conversa com a professora, esta relatou que mal tem tempo para elaborar seu plano, porque trabalhava em outra escola na cidade, no turno matutino, além das responsabilidades em diferentes escolas, há a responsabilidade com a família.

Por isso, muitas vezes, a opção mais viável e mais cômoda é a utilização do quadro e do pincel, e ficar 4 horas explicando, algumas vezes com o auxílio do Livro Didático. No entanto, um educador preocupado e comprometido com a educação, sempre busca meios para possibilitar a aprendizagem dos alunos. E nesse sentido, a professora, sempre que possível, levava materiais para atividades diferenciadas, ou reaproveitava os poucos materiais que havia na escola, tais como: alfabetos móveis, números móveis, fichas de leituras, jogos educativos, entre outros materiais que ficavam guardados no armário da sala, utilizados principalmente para os alunos com maiores dificuldades, considerando que essa forma constitui um estímulo para a criança participar e desperte sua vontade de aprender.

Tendo em vista a carência de materiais didáticos na escola, enquanto professora em formação com a tarefa de elaborar um Projeto de Intervenção relacionada ao objeto de estudo investigado, pensamos em alternativas que pudessem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, a partir de materiais recicláveis que, além de serem mais baratos, contribuem para a conservação do meio ambiente, haja vista que produtos que geralmente vão para o lixo, têm a possibilidade de se transformar em recursos didáticos que podem se tornar riquíssimas fontes de conhecimento.

Acompanhamos de perto, durante 01 ano, as experiências em uma escola agregada. Diversas vezes aplicamos oficinas, confeccionamos jogos ou fichas, dentre outros recursos que pudessem ser utilizados durante as aulas, todos com materiais recicláveis ou reaproveitando E.V.A, papelão, garrafas PET, cadernos usados, entre outros. Tudo isso com o objetivo de colaborar com a aprendizagem dos educandos e auxiliar a professora, já que os recursos didáticos ajudam não somente os alunos, mas ao professor também, como uma forma de ajudá-los na explicação e fixação de assuntos para os alunos.

Através do Projeto de Intervenção, buscamos articular diferentes saberes que comumente são ensinados de forma fragmentada, utilizando recursos didáticos construídos a partir materiais recicláveis, para sanar dúvidas que ainda pairavam sobre os educandos sobre conteúdos de Ciências e Língua Portuguesa, partindo de elementos que fazem parte da realidade deles, pois na Comunidade do Aninga o contato com a natureza é mais direto, sobretudo com os animais.

Partimos da disciplina de Ciências com o conteúdo: *Animais Terrestres*, *Animais Aquáticos* e *Animais Voadores* (1º e 2º Ano); *Animais Vertebrados* e *Animais Invertebrados* (3º Ano), conforme o plano de conteúdos da professora, com o auxílio do slide. A professora já havia explicado este conteúdo para os alunos no dia anterior, então as atividades que propomos seriam mais um reforço para eles e uma aula diferenciada para fixar a aprendizagem, sobretudo dos que ainda não haviam compreendido bem o assunto, pois, segundo a educadora, grande parte dos alunos ainda apresentava dúvidas acerca do assunto, o que se confirmou durante a explicação.

Para isso, foram utilizadas imagens e animações no slide e, ao que parece, o objetivo foi alcançado, considerando que todos os alunos participaram, questionando, relatando suas experiências no contato com animais, fossem aqueles que já tinham visto em determinado lugar, fosse um animal que por exemplo, habitasse em sua casa.

Assim, uma apresentação que acreditávamos que seria rápida, pelo fato do assunto já ter sido abordado pela professora, durou quase 1 hora devido ao envolvimento ativo e curioso dos alunos, o que foi tornou a aula proveitosa. Segundo Leal (2014, p. 24):

A comunidade do Aninga é rica em inúmeros elementos que podem ser utilizados no ensino de ciências, toda essa diversidade natural, cultural e social permite a inserção de uma proposta pedagógica que valorize cada vez mais estes aspectos primando pela participação e valorização da criança ribeirinha e suas interações com as outras crianças, com os adultos e com os conhecimentos presentes neste espaço.

Durante a aula, buscamos contextualizar o assunto com a realidade dos alunos, discutindo sobre os animais que conviviam, perguntando o que pensavam em relação a eles, qual a importância deles para a natureza e se conheciam a que grupo eles pertenciam (Terrestres, Aquáticos e Voadores; Vertebrados e Invertebrados). As possibilidades de explorar os ramos das Ciências nas escolas do campo são infinitas, uma vez que eles têm à disposição as árvores, o rio, os animais, e a relação com a natureza é mais intrínseca (LEAL, 2014).

Figura 9: Explicação com o auxílio de Slide



Fonte: Arquivos da professora, 2019.

Muitas perguntas foram feitas por eles, a partir de dúvidas e interesse sobre o assunto, inclusive alguns educandos relataram gostar muito de animais, o tema central do conteúdo. Moreira (2015), destaca sobre a importância das estratégias feita pelo professor para que o aluno construa o conhecimento de acordo com suas experiências individuais e interação com o outro.

Após a explicação e a discussão do conteúdo com os alunos, colocamos em prática uma dinâmica para avaliar se eles realmente haviam compreendido o assunto com imagens de animais coladas em bases de papelão, a qual teriam que colocar em uma espécie de cartaz confeccionado com envelopes de cadernos velhos com bases de sobras de E.V.A, em cada envelope havia o nome a que se referia as classificações (Animais Terrestres, Animais Voadores e Animais Voadores para os alunos do 1º e 2º Ano; Animais Vertebrados e Animais Invertebrados para os alunos do 3º Ano). Foram confeccionados dois cartazes com envelopes, um para o 1º e 2º ano e outro para o 3º ano.

Figura 10: Aluno do 1º ano participando da dinâmica.



Fonte: Arquivo da professora, 2019.

Figura 11: Aluno do 2º Ano participando da dinâmica destinada aos alunos do 3º ano.



Fonte: Arquivo da professora, 2019.

Durante a elaboração das oficinas, buscamos incluir todas as turmas nas atividades, porém, fazendo adaptações necessárias, levando em consideração as séries e os níveis de aprendizagem dos alunos. Conforme salienta Bordenave e Pereira (2002), para ensinar é preciso planejar, orientar e controlar a aprendizagem das crianças, criando estratégias de ensino que estimule capacidades diversas do educando.

Durante a dinâmica, percebemos que os educandos estavam bastante curiosos e entusiasmados, todos participaram da dinâmica. Como alguns ainda haviam se equivocado nas respostas, voltamos a explicar, lembrando sobre a classificação dos animais, pois o objetivo era proporcionar a compreensão acerca do conteúdo de diversas formas, além da forma tradicional de ensinar.

Conforme assevera Dohme (2003), atividades lúdicas podem ajudar com o desenvolvimento pessoal, a formação do homem autônomo, e concomitantemente, com melhoria na participação comunitária, o homem construtivo. Assim, atividades lúdicas no âmbito escolar tendem a estimular o educando como um agente ativo, participativo e autônomo para sugerir, perguntar quando tiver dúvidas, partilhar os conhecimentos que possuem, opondo-se ao tradicional aluno passivo, tornando-se protagonista da própria história.

Figura 12: Início da segunda dinâmica de Ciências



Fonte: Arquivo da professora, 2019.

Partimos para a segunda parte da dinâmica avaliativa, na qual utilizamos os mesmos materiais, porém, de um jeito diferente (Figura 4). Todas as figuras dos animais foram colocadas no chão com as imagens viradas para baixo, tal qual um jogo da memória, dividimos a turma em duas equipes A e B, cada equipe oito componentes.

Figura 13: Alunos do 1º (equipe A) e 2º ano (equipe B) participando da dinâmica.



Fonte: Arquivo da professora, 2019.

Figura 14: Alunos do 2º e 3º ano participando da dinâmica.



Fonte: Arquivo da professora, 2019.

Conforme mostram as figuras 5 e 6, foram chamados dois alunos, um de cada equipe, na qual escolhiam uma figura e perguntávamos qual era o animal e a qual envelope ele pertencia. É importante destacar que para que a competição fosse justa, os participantes que eram escolhidos para representarem as equipes, tinham o mesmo nível de aprendizagem, assim, quem acertasse ganharia um ponto para a equipe, a maioria acertou, apenas a equipe A errou, dando a vitória à equipe B.

A grande maioria conseguiu assimilar o conteúdo, tanto os conteúdos destinados aos alunos do 1º e 2º Ano, quanto aos alunos do 3º Ano, principalmente por terem sido utilizadas diferentes formas de ensinar para possibilitar um ambiente rico em aprendizagens para, enfim, compreenderem o conteúdo.

Segundo Dohme (2003), os jogos configuram-se como importantes ferramentas para o desenvolvimento de crianças e jovens. Assim, além de servirem como fonte de diversão, os jogos possibilitam situações que podem ser exploradas de diversas maneiras educativas no âmbito escolar.

Na mesma direção, Kishimoto (2008), compreende que a utilização de jogos potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, porém, é necessário estímulos externos por parte da escola, sobretudo do educador, que tem contato mais direto com os educandos.

Conforme exposto, os jogos educativos são extremamente relevantes no âmbito escolar, pois estimulam os estudantes à vontade para aprender, promovem uma aprendizagem significativa e prazerosa. Contudo Antunes (2013, p. 40), nos alerta que “os jogos devem ser utilizados somente quando a programação possibilitar e somente quando se constituírem em um auxílio eficiente ao alcance de um objetivo dentro dessa programação”.

Diante dessa compreensão, ao trazermos como tema principal algo que faz parte da realidade deles, isto é, os animais, continuamos com a mesma vertente em Língua Portuguesa, cujo o foco era ajudá-los na dificuldade na escrita, principalmente os alunos do 3º Ano, que já estavam trabalhando leitura e produção textual. É importante frisar que a atividade de Língua Portuguesa foi voltada para a turma do 3º Ano, cuja dificuldade era a produção textual, porém, conforme mencionado anteriormente, buscamos incluir todos os alunos da turma, já que se tratou de uma turma agregada.

Após o intervalo demos início ao conteúdo de Língua Portuguesa, e assim como na aula de Ciências, a primeira apresentação foi feita em slide com bastante imagens e animações, cujo foco central foi a *Produção Textual*. Mostramos imagens de livros de histórias e o passo a passo para a produção textual de forma que todos pudessem compreender melhor.

Durante o período que passamos na escola, verificamos que os alunos gostavam muito de livros, pois a professora, lia uma história diferente todos os dias no início da aula, considerando que o estímulo é de suma importância para que os educandos tenham o hábito da leitura. Era notável que a leitura para deleite, de certa forma, influenciava os educandos a gostarem dos livros e da leitura, e mesmo aqueles que ainda não dominavam a leitura, gostavam dos livros, o que reforça a ideia que o estímulo à leitura desde cedo é importante. O que nos ajudou na hora de contextualizar, pois já conheciam muitas histórias, o que de certa forma ajudou os educandos a compreenderem o que é a produção textual.

O entusiasmo e a participação da turma foram primordiais em todas as etapas, mesmo durante uma apresentação de slide em que geralmente é difícil chamar a atenção dos educandos, eles mostraram-se bastante interessados.

Durante a apresentação do slide, utilizamos também imagens de capas de livro de histórias que eles conheciam: *A Arca de Noé* e *A Lebre e a Tartaruga*. Solicitamos que eles analisassem bem as imagens e nos dissessem o que estavam observando, quais figuras viam nas capas e quais os personagens principais. Não demorou muito para que percebessem que eram os animais e com base nisso, fomos explicando como montar uma produção textual, criando uma história junto com eles durante a explicação, tornando-se agentes ativos no processo de construção do conhecimento.

Com base nas explicações acerca do assunto Produção Textual, partimos para a próxima oficina, a construção de um livro *Bajara dos Animais*, com base no livro ilustrativo *Tem Lugar para Todos*, o qual retrata a história da Arca de Noé de forma bem simplificada (Figuras 7 e 8). Apresentamos o livro para eles, vimos juntos cada imagem, o passo a passo da história, até que por fim lançamos a proposta da construção do livro e eles ficaram logo animados.

Figura 15: Livro que serviu de base para a construção do livro “Bajara dos Animais”.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

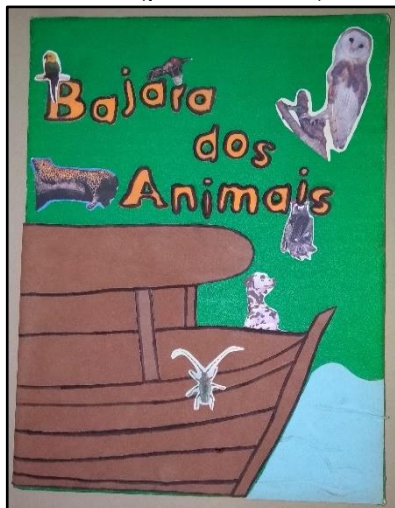
Figura 16: Capa do livro “Bajara dos Animais”, confeccionado para a oficina.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

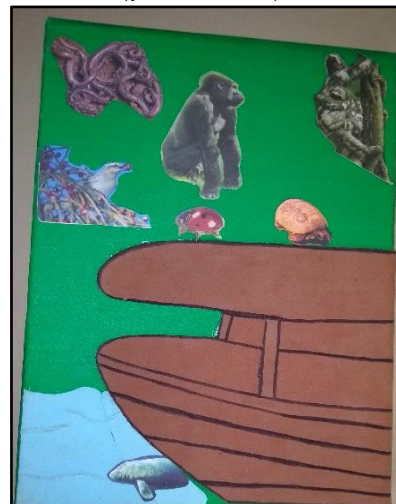
Para a confecção do livro foram utilizados papelão, papel cartão para encapar, retalhos de E.V.A e recortes de livros velhos para decorar a capa. É importante ressaltar que por conta do tempo, já que seriam somente 4 horas para as atividades, a capa do livro foi levada pronta para eles, porém, faltava o mais importante, as páginas com as histórias.

Figura 17: Capa do livro “Bajara dos Animais” (parte da frente).



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Figura 18: Capa do livro “Bajara dos Animais” (parte de trás).



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

O entusiasmo dos alunos ao saberem que seriam os autores do livro foi contagiante, cada um pôde criar sua própria história, cujos personagens principais seriam os animais. O nome “Bajara” foi escolhido minuciosamente, partindo da realidade deles, já que é um meio de transporte fluvial típico do município e que a maioria dos educandos conheciam.

Quanto aos personagens também, dissemos a eles que poderiam ser animais típicos daqui (onça, arara, tucano, entre outros), mas claro, que eles poderiam escolher os personagens e a história que quisessem.

Buscamos dar sugestões com intuito de ajudá-los e de certa forma contribuir para a produção textual, tendo em vista que os alunos do 3º Ano estavam com muitas dificuldades em compreender o que é a produção textual.

Figura 19: Aluna do 3º ano produzindo a história para compor o livro.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Figura 20: Aluna do 1º ano produzindo desenho para compor o livro.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

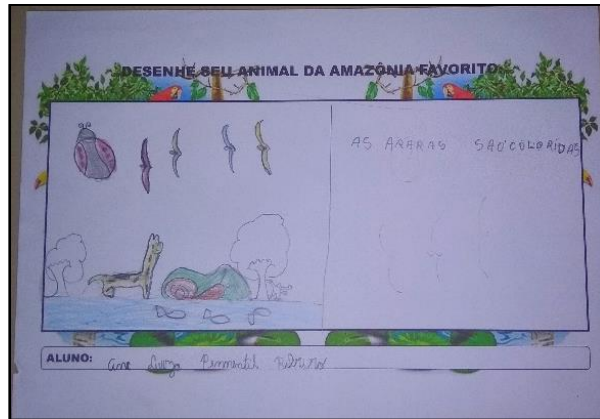
Segundo Soares (2014), as dificuldades da criança no processo de aprendizagem da língua escrita, em uma perspectiva construtivista, passam a ser vistas como “erros construtivos”, resultando em constantes reestruturações, no processo de construção da língua escrita. A produção textual além de estimular a criatividade do educando, auxilia neste complexo processo da aprendizagem na língua escrita.

Apesar do assunto Produção Textual ser um conteúdo dos alunos do 3º ano, buscamos englobar toda a turma, desde a explicação até a construção do livro. Como alguns não dominavam bem a escrita, mas já sabiam ler palavras com sílabas simples, foi pensada uma atividade específica para eles, de modo que também poderia ser os autores do livro, pois em escolas onde a organização escolar agregada faz presente, é importante o educador buscar sempre atividades que incluam todos os alunos, como mostra a Figura 12.

Solicitamos que os alunos do 1º e 2º ano fizessem desenhos dos animais favoritos deles, dos animais que mais gostaram de ver durante a aula de Ciências, que tinham vontade de conhecer e produzir uma frase sobre um dos animais (Figura 13). Assim, por meio desta

atividade foi possível trabalhar a imaginação e criatividade dos educandos, e instigar a prática da escrita com a construção de frases. Estabelecemos assim a ligação de saberes entre os conteúdos de Língua Portuguesa, Ciências e Artes, tal qual propõe a interdisciplinaridade.

Figura 21: Desenho e frase produzidos por uma aluna do 1º ano

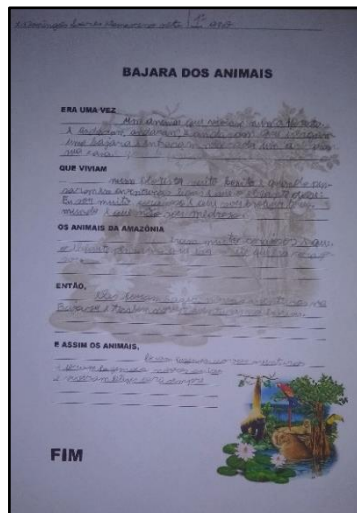


Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2019.

Segundo Leal (2014), o desenho constitui-se uma das formas mais eficazes de expressão simbólica, haja vista que o desenho possibilita a apreensão, representação, visão do mundo pela criança, que ainda não dispõe dos mecanismos mais complexos da linguagem e escrita.

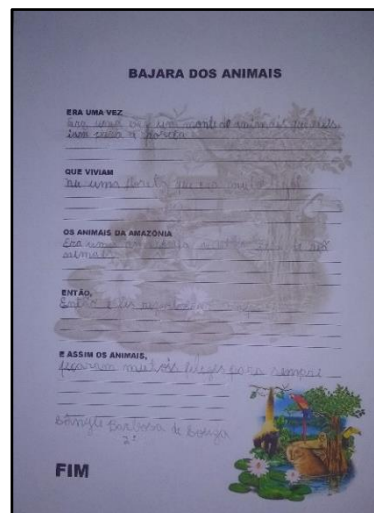
Conforme esclarecido anteriormente, por vezes a professora dividia as atividades não por níveis de ensino, mas por níveis de aprendizagem. Assim, na hora da produção textual, além dos alunos do 3º ano, também participaram um aluno do 1º Ano e três alunos do 2º Ano, pois dominavam a leitura e a escrita, e segundo a professora, dois estudantes estavam em nível de 3º ano e um estudante estava em nível de 5º ano.

Figura 22: Texto produzido por um aluno do 1º ano.



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2019.

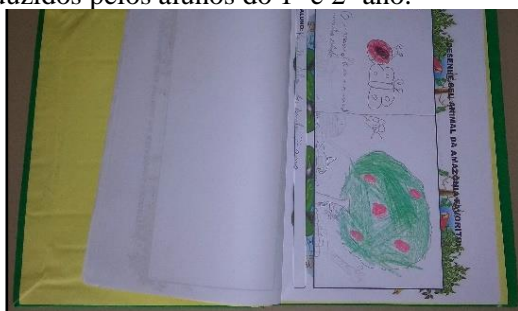
Figura 23: Texto produzido por uma aluna do 2º ano.



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2019.

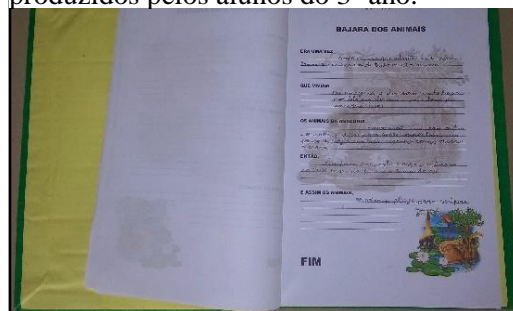
Para orientar a criação da história, haviam expressões como: *Era uma vez...*, *Então...*, *Os animais da Amazônia...* Os alunos sentiram certa dificuldade e a todo instante pediam ajuda. Quanto aos alunos, cujas atividades eram a frase e desenho, também percebemos certa dificuldade na hora da escrita da frase. Porém, aos poucos, as histórias, os desenhos e as frases foram surgindo, uma mais criativa que a outra, evidenciando a riqueza da produção, a criatividade e a subjetividade de cada educando. Tais produções precisam ser valorizadas e incentivadas pelo educador, pois todos os alunos que foram orientados a fazer a produção textual, também queriam participar da oficina de desenho, tornando muito mais rica a atividade de articulação dos saberes de Ciências, Língua Portuguesa e Artes com materiais recicláveis.

Figura 24: Páginas do livro “Bajara dos Animais” produzidos pelos alunos do 1º e 2º ano.



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2019.

Figura 25: Páginas do livro “Bajara dos Animais” produzidos pelos alunos do 3º ano.



Fonte: Arquivos da pesquisadora, 2019.

Aos poucos o livro foi sendo preenchido com as produções das histórias, frases e desenhos que cada estudante, cujo nome de cada autor foi colocado no livro. Durante esse processo de produção percebemos o quanto os estudantes se sentiram valorizados, com suas criações recebendo um lugar especial no livro (Figuras 16 e 17).

Para tanto, durante todo o processo buscamos não acentuar os erros, mas sim valorizar a importância da escrita, da leitura e, sobretudo, da produção de cada um. Afinal, apesar de erros gramaticais, considerando que grande parte dos alunos ainda apresenta dificuldades na escrita, os textos e as frases foram bem elaborados, e evidenciam a capacidade de compreensão de cada um acerca dos conteúdos trabalhados, tanto em Ciências, quanto na Língua Portuguesa.

Por fim, comprovamos o quanto que os recursos didáticos confeccionados, a partir de materiais recicláveis, por meio de um trabalho interdisciplinar pode contribuir para os bons resultados obtidos, principalmente em propiciar a participação ativa e criativa de todos os educandos na produção do livro, a qual possibilitou que cada aluno pudesse se perceber como autor da própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “*Materiais recicláveis como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem em escolas do campo*” teve como objetivo investigar em que medida o uso de materiais recicláveis pode contribuir como recurso didático interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos das escolas do campo do Município de Parintins.

Na pesquisa realizada em uma escola agregada de Parintins, acompanhamos o trabalho de uma professora em uma sala de aula de turma agregada, na utilização de materiais recicláveis, enquanto recurso didático, tanto na confecção de materiais que pudessem contribuir de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, quanto de que forma estes recursos são utilizados em sala de aula.

No percurso da pesquisa, percebemos que por vezes a professora encontrava dificuldades, como falta de tempo para o planejamento das aulas e em como ensinar crianças de diferentes séries e níveis de aprendizagem, o que requer cautela e atenção do educador em planejar a condução da aula.

Contudo, em nenhum momento presenciamos distinção de séries, pois a professora sempre incluía os alunos em todas as atividades e, quando necessário dividia a turma em níveis de aprendizagem e não em níveis de ensino, pois, segundo sua compreensão, isso facilitava seu trabalho e contribuía para a aprendizagem dos alunos.

Durante todo o período da pesquisa vimos o quanto esta professora se mostrava preocupada com a aprendizagem de seus alunos, principalmente os alunos do 1º e 2º ano, os quais apresentavam maiores dificuldades. Vimos também o quanto que a educadora se esforçava e sempre que possível levava atividades diferenciadas, cartazes, jogos educativos, dentre outros, estimulando o gosto pela leitura e livros.

O olhar inquieto e preocupante do professor com a aprendizagem de seus alunos faz toda a diferença no contexto escolar, e cenas assim foram presenciadas em muitos momentos, quando vimos sua dedicação, compromisso e preocupação em saber se seus educandos estavam de fato aprendendo e compreendendo os assuntos trabalhados. Posturas assim também foram identificadas no processo de formação oferecida aos professores das escolas do campo de Parintins, por meio do Projeto de Produtividade desenvolvido pela professora Simone Silva. Tais posturas corroboram para um processo de ensino aprendizagem exitoso.

No entanto, constatamos que os recursos didáticos que as escolas do campo dispõem, sejam multisseriadas, nucleadas ou agregadas, como é o caso da escola, *lócus* deste estudo, não

eram e não são suficientes para auxiliar aos professores em suas aulas. Apesar do avanço significativo da educação do campo no Município de Parintins, ainda há muito o que melhorar para uma educação básica de qualidade, considerando que as escolas do campo precisam de estrutura física e material e esse fato reflete diretamente no processo de ensino e aprendizagem de cada instituição, seja positivamente ou negativamente.

Nesse prisma, entendemos a importância dos meios que o educador dispõe e que busque outros meios que estimulem aos estudantes construir seus conhecimentos. Assim, vimos nos materiais recicláveis uma possibilidade de recuso didático mais em conta e ecologicamente correto, considerando que a reciclagem traz uma importante contribuição para o meio ambiente ao transformar materiais que provavelmente seriam jogados no lixo em recursos didáticos.

A coleta de dados por meio, tanto das atividades do Projeto de Produtividade quanto do Projeto de Intervenção nos permitem afirmar que os recursos didáticos construídos, a partir de materiais recicláveis, atraem a atenção dos alunos em relação às aulas, permitem uma melhor compreensão dos conteúdos abordados, desde a explicação, fixação e avaliação, além de possibilitar a articulação de conhecimentos interdisciplinares.

Na condição de professora pesquisadora em formação inicial, que realizou o estágio com pesquisa posso afirmar o quanto esse processo me ajudou a aproximar ainda mais da educação e a compreender que, apesar das dificuldades, a educação do campo pode sim proporcionar aprendizagens. E, apesar dos grandes desafios, da distância percorrida para chegar até a escola, *lócus* da investigação, às vezes enfrentando sol escaldante às 12:40 da tarde, ou a chuva torrencial, o cansaço para chegar pontualmente até a escola, muitos conhecimentos foram adquiridos, tanto com os educadores das escolas do campo quanto com os educandos, com os quais convivemos por 1 ano, estreitando os laços, o amor e o respeito pela Educação do Campo e admiração pelos docentes, sobretudo, os que atuam nas escolas do campo.

A partir dos resultados do estudo podemos dizer que os recursos didáticos, a partir de materiais recicláveis favorecem a interdisciplinaridade e constituem uma importante ferramenta de auxílio ao processo de ensino e aprendizagem, pela possibilidade de enriquecer e ampliar a compreensão dos alunos nos mais diversos assuntos. Além do mais, conforme ficou evidente na produção do livro “Bajara dos Animais”, os alunos sentiram-se envolvidos, instigados e participaram ativamente das atividades propostas como construtores, e não meramente receptores, mesmo mediante as dificuldades manifestadas.

Esperamos por meio deste trabalho, salientar a importância de educadores realmente comprometidos em ensinar, buscando meios para propor ambientes ricos de aprendizagens, mesmo perante as adversidades, com os quais geralmente se encontram as escolas do campo.

Salientamos também, a relevância de instigar a participação dos alunos durante as atividades propostas, possibilitando-lhes a autonomia, pois conforme contatamos durante a aplicação das oficinas, a participação dos estudantes foi essencial para o sucesso e os objetivos alcançados.

Ao final, percebemos a importância da relação entre professor e aluno, a importância de estabelecer conexões entre disciplinas e de buscar diferentes formas de construir conhecimentos. O que tende a contribuir positivamente para as pesquisadoras, que estão ingressando na docência.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Prefácio. In. KOLLING, Edgar Jorge. (Orgs). **Por uma educação básica do campo**. Fundação Universidade de Brasília, 1999.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. A escola do campo e pesquisa do campo: metas. In. MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do campo e pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Prefácio. In. ROCHA, Maria Antunes, HAGE, Salomão Mufarrej (organizadores). **Escola de direito**: reinventando e escola multisseriada. Belo Horizonte: Autêntica Editora (Coleção Caminhos da Educação do Campo), 2010.
- BARROS, Oscar Ferreira [et al]. Retratos de realidade das escolas do campo: multissérie, precarização, diversidade e perspectivas. In. ROCHA, Maria Antunes, HAGE, Salomão Mufarrej (organizadores). **Escola de direito**: reinventando e escola multisseriada. Belo Horizonte: Autêntica Editora (Coleção Caminhos da Educação do Campo), 2010.
- BERTI, Valdir Pedro. **Interdisciplinaridade**: um conceito polissêmico. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto de Química, 2007.
- BORGES, Heloísa da Silva. A educação do campo como processo de luta por uma sociedade mais justa. In: GHEDIN, Evandro. BORGES, Heloísa da Silva. **Educação do campo**: a epistemologia de um horizonte de formação. Manaus: UEA Edições, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96**. Brasília, DF: MEC, 1996.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BORDENAVE, J. D. PEREIRA, A. M. **Estratégia de ensino-aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. In. Fundação Oswaldo Cruz. **Trabalho de educação e saúde**. vol 7. nº 1. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In. CALDART, Roseli [et al] (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do movimento. In. CALDART, Roseli [et al] (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio. CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5. ed. São Paulo. Ed. Cortez; 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola. In: PERNAMBUCO, Marta; PAIVA, Irene. (Org.). **Práticas coletivas na escola**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 1, p. 115-124.

CASTOLDI, Rafael. POLINARSKI, Celso A. **A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem**. I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Paraná: Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, 2009.

CASTRO, Mauriceia Aparecida de. **A reciclagem no contexto escolar**. Ponta Grossa - PR, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008

CHRISTÓFFOLI, Pedro Ivan. Produção pedagógica dos movimentos sociais e sindicais. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

CINQUETTI, Heloisa Sisle. **Lixo, resíduos sólidos e reciclagem: uma análise comparativa de recursos didáticos**. N. 23. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

COIMBRA, J. A. Aguiar. Considerações sobre a interdisciplinaridade. In: JR, Ar. Philipi. TUCCI, D. J. Hogan. NAVEGANTES, R. (editores). **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

COSTA, Lucinete Gadelha da. A educação do campo numa perspectiva da educação popular. In: GHEDIN, Evandro. BORGES, Heloísa da Silva. **Educação do campo: a epistemologia de um horizonte de formação**. Manaus: UEA Edições, 2007.

DINELLO, Raimundo Angel. **Os jogos e as ludotecas**. Santa Maria: Pallotti, 2004

DOHME, V. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003

FAGUNDES, José. MARTINI, Aldair Cesar. **Políticas educacionais: da escola multisseriada à escola nucleada**. Palmas: FACIPAL, 2003.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** (Org.). São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, Ana Conceição B.S.G. **A cidadania ambiental na perspectiva da família**. São Paulo: Revista Eletrônica Thesis, ano XI, n. 21, p. 91-109, 1º semestre, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GHEDIN, Evandro. BORGES, Heloísa da Silva. **Educação do campo: a epistemologia de um horizonte de formação**. Manaus: UEA Edições, 2007.

GONÇALVES, Gustavo Bruno B. Nucleação das escolas rurais. In. OLIVEIRA, D.A.; A.M.C.; VIEIRA, L.M.S. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão Ambiental na educação**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2005.

HADDAD, Sérgio. Direito à educação. In. CALDART, Roseli [et al] (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

HAGE, Salomão Mufarrej (Org.). **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

JOSÉ, M. A. Moreira. Interdisciplinaridade: as disciplinas e a interdisciplinaridade brasileira. In. FAZENDA, Ivani. **O que é interdisciplinaridade?** (Org.). São Paulo: Cortez, 2008.

LEAL, Gyane Karol Santana. **O ensino de ciências e as relações entre escola e espaços não formais: um estudo com crianças ribeirinhas**. (Tese de Mestrado). Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2014. Repositório Institucional UEA: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/522>

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ensinar, brincar e aprender**. Vitória da Conquista, BA: APRENDER – Cad. De Filosofia e Psic. Da Educação, 2015.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: E.P.U, 2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MELO, Janaini Rodrigues de. CINTRA, Leonardo Sette. LUZ, Claudia N. Maciel. **Educação ambiental: reciclagem do lixo no contexto escolar.** Revista Multidebates. Tocantins. Palmas, junho de 2020, v.4, nº 2, p. 133-141.

MOLINA, Mônica Castagna. FREITAS, H. Célia de Abreu. Avanços e desafios na construção da educação do campo. In. Em Aberto. INEP - **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.** Ministério da Educação. Vol. 1. Brasília: O Instituto, 1981. Acessado em: 16/04/2020 às 15:00.

MORAES, Edel [et al]. Transgredindo o paradigma (multis)seriado nas escolas do campo. In. ROCHA, Maria Antunes, HAGE, Salomão Mufarrej (organizadores). **Escola de direito: reinventando e escola multisseriada.** Belo Horizonte: Autêntica Editora (Coleção Caminhos da Educação do Campo), 2010.

MOREIRA, Ana Elisa da Costa. **O papel docente na seleção das estratégias de ensino.** Londrina - Paraná: XVI Semana da Educação, VI Simpósio de Pesquisa e Pós-Graduação: Desafios para a Educação, 2015.

MOURA, Terciana V.; SANTOS, Fábio J.S. dos. **A pedagogia das classes multisseriadas: uma perspectiva conta-hegemônica às políticas de regulação do trabalho docente.** Vol. 4. Maceió: Debates em Educação, 2012.

OLIVEIRA, L.M.T. CAMPOS, Marília. Educação básica do campo. CALDART, Roseli [et al] (Org.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PARINTINS. **Organização do Ensino por Blocos de Disciplinas Anos Finais do Ensino Fundamental.** Secretaria Municipal de Educação, Juventude, Esporte e Lazer. Coordenação da Educação do Campo, 2009.

QUIRINO, Valker L. **Recursos didáticos: fundamentos de utilização.** Campo Grande - SP: Universidade Estadual da Paraíba. Secretaria de Educação à Distância, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, D.A. Andrade e. **Educação e ludicidade: um diálogo com a Pedagogia Wardof.** Educar em Revista. n. 56, p. 101-113, abr./jun. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SILVA, Simone Souza. **Políticas de formação inicial para professores do campo em Parintins: contexto e contradições.** (Tese de Doutorado). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUZA, Salete E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: **I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM.** Maringá - PR: Arq Mudi, 2007.

SCHMITZ, E.F. **Didática moderna.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1982.

VASCONCELOS, Georgina Terezinha Brito de. **Educação Básica Ribeirinha**: um estudo etnográfico na região amazônica. 2017, 178 f. Tese de Doutorado (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP). São Paulo, 2017.

ZANONI, Magda. Práticas Interdisciplinares em grupos consolidados. In. JR, Ar. Philipi. TUCCI, D. J. Hogan. NAVEGANTES, R. (editores). **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

Site:

BRASIL, Ministério do meio ambiente. **Princípio dos 3R's**. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/consumo-consciente-de-embalagem/principio-dos-3rs.html> - Acessado no dia: 27/05/2020 às 9:30 horas

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-da-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21253-pnad-continua-2017-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-ou-se-qualificam-cresce-5-9-em-um-ano> - Acessado no dia: 04/03/2020 às 16:10 horas.